

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Álvaro Marcolan Júnior

**PÓS-MODERNIDADE E CORPO: A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
NA SOCIEDADE DE CONSUMO**

**Sorocaba/SP
Junho/2005**

Álvaro Marcolan Júnior

**PÓS-MODERNIDADE E CORPO: A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
NA SOCIEDADE DE CONSUMO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia de Amorim Soares

**Sorocaba/SP
Junho/2005**

Álvaro Marcolan Júnior

**PÓS-MODERNIDADE E CORPO: A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
NA SOCIEDADE DE CONSUMO**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia de Amorim Soares
UNISO (orientadora)

Prof.^a Dr.^a Eliete Jussara Nogueira
UNISO

Prof. Dr. Paulo Celso da Silva
UNISO

Sorocaba, 27 de junho de 2005

Dedicatória

Quem teria deixado,
enquanto nos amávamos, o tarro da luz à nossa porta?

Mario Quintana

Dedico este trabalho a Solange de Moraes, pela sua doce sensibilidade e silenciosa paciência.

Agradecimentos

Somos todos dotados de uma alma, depois de termos arriscado, salvado nossa existência. Para se libertar de um barco em chamas é preciso ir procurar sua alma onde o fogo é verdadeiramente perigoso, num dia de desespero.

Michel Serres

Muito Obrigado Dr^a Maria Lúcia de Amorim Soares, por ter me lançado neste barco em chamas, asfixiado, enclausurado e ardendo em fogo.

Obrigado aos alunos Nicolas, Camila, Leonardo, Igor, Rafael, Patrícia, André, Guilherme e André, pela exposição de suas falas; aos professores do colégio Dom Aguirre Rosana Aparecida de Abreu Pegoretti, Wanildo de Jesus Pegoretti, Patrícia Vieira Santos pela cumplicidade; aos amigos e professores do programa de Pós-Graduação em Educação pelos momentos de discussão e pistas para este trabalho. E ainda em tempo, obrigado a Vilma Franzoni pela revisão deste trabalho.

Resumo

Este trabalho apresenta um panorama sobre o corpo no atual momento contemporâneo, a partir das práticas corporais realizadas por alunos do ensino fundamental fora da Educação Física escolar. O significado das práticas corporais, do corpo, e da própria Educação Física escolar, se apóia no princípio de que estamos na pós-modernidade, temos corpo, existe Educação Física escolar e vivemos na sociedade de consumo. Buscou-se através da análise de conteúdo conhecer o significado das falas dos alunos sobre os temas entendimento do corpo, das práticas corporais e da Educação Física escolar, numa tentativa de fornecer elementos para uma reflexão contextualizada dentro da própria Educação Física escolar.

Palavras-chave: Educação Física escolar; corpo; sociedade de consumo; pós-modernidade;

Abstract

This work presents a view of the body at the contemporary moment from the body practices performed by students of primary and secondary schools outside school physical education. The meaning of body and school physical education itself is based on the principle of living in post-modernity, having a body, physical education existence and living in a consumer society. It was sought, through the content analysis, to know the meaning of students words about topics such as body, body practices and school physical education understanding, in an attempt of providing elements for a contextualized reflection within the school physical education itself.

Key words: school physical education, body; consumer society, post-modernity.

Sumário

INTRODUÇÃO	08
1 CORPO EDUCADO.....	14
1.1 Concepções da Educação Física escolar	23
1.2 O que dizem os professores?.....	30
1.3 Considerações sobre as falas dos professores.....	36
1.4 A cultura corporal dentro da Educação Física escolar....	37
1.5 Conteúdos da cultura corporal no contexto escolar.....	42
2 CORPO PARADIGMA ESTÉTICO.....	48
2.1 Corpo mercadoria-signo.....	55
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA.....	62
3.1 Critérios para análise dos resultados da pesquisa.....	63
3.2 Apresentação das falas dos alunos.....	64
3.3 Considerações sobre as falas dos alunos.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	102

INTRODUÇÃO

“O corpo não agüenta mais ser corpo”

Clarice Lispector

Com que corpo você vai? A trajetória deste trabalho teve seu início através das várias provocações da Professora Maria Lucia de Amorim Soares, que em um dos nossos fragmentados encontros a respeito da busca do problema para a pesquisa, me orientou para que procurasse observar, ver aquilo que “está acontecendo” com meus alunos durante as aulas regulares de Educação Física escolar. Suas palavras me lançaram num oceano de dúvidas e ansiedade, onde cada detalhe, cada acontecimento nas aulas, cada palavra e gesto dos alunos alcançavam tal dimensão que ultrapassava o simples cotidiano escolar. Nessa mesma época, eu apresentava no Festival de Curtas do Teatro do Sesi de Sorocaba uma peça teatral adaptada da crônica de Arnaldo Jabor “A Noite Do Grande Orgasmo Brasileiro” onde se discutia a condição do homem contemporâneo, mas especificamente sobre seu corpo, num momento reconhecido (ou não) como pós-modernidade.

Ele era lindo, sempre malhou como um operário e construíra panturrilhas sólidas, bumbum empinado, sorriso branco e cintilante, gestos decididos, olhos de águia, voz nítida de locutor de FM {...} com cuequinha slip para valorizar o pintinho e impressionar no desnudamento. Ele falava em bolsa, globalização, música pop e era, em suma, uma bela colagem das caras e corpos das revistas, uma alegoria de charmes dentro da qual seu “eu” se escondia. (JABOR, 1998, p. 81).

Na convergência dessa minha experiência teatral, das inúmeras leituras que fazia e na observação daquilo que “estava acontecendo” com meus alunos, acabei deslizando meu olhar para os corpos dos alunos que se ocupavam do enorme fluxo contínuo de atividades corporais, nos mais diversos espaços e cenários, mas fora da escola. Corpos que eram expostos aos olhares e a todos os outros sentidos, e que também durante as aulas de Educação Física faziam-se diferentes pela forma, pelas qualidades e também pelo que representavam.

Surpreendido por um olhar mais observador, precisei ainda arregalar os olhos, abrir mão de preconceitos e perceber que o espetáculo do corpo contemporâneo tomava conta de vários corpos adolescentes daquela escola. Uma quantidade expressiva de praticas corporais agiam naqueles corpos e produziam certamente corpos moldados já pelo excesso de treinamento. Através de um contato mais próximo, porém, ainda informal com esses alunos, muito antes de qualquer procedimento metodológico, pude perceber insinuantes significações que muitas vezes remetiam a uma contemplação do corpo que remetia a uma tendência contemporânea cada vez mais presente. A primeira vista não eram apenas práticas corporais assumidas despretensiosamente como ocupação de seu tempo livre ou regidas pela ludicidade. Não eram práticas corporais que podiam ser encontradas na escola, pelo menos naquelas dimensões. Tênis, natação, futebol, ballet, jiu-jitsu, musculação, beisebol e outras tantas práticas corporais que remetiam também a uma forma de consumo.

Pois bem, essa junção entre o olhar para as práticas corporais dos alunos e a experiência artística me proporcionaram uma variedade de questionamentos sobre o corpo, que foram alimentando o esboço inicial deste trabalho. Beleza funcional? Autoplastia da aparência? Objeto de culto narcisista individual ou coletivo? Elemento

central das ritualizações sociais? Esportivização precoce? Belos jogos de aparência com certeza, que só se tornavam válidos porque se inscreviam em uma cena vasta, em que cada um era ao mesmo tempo ator e espectador. Seriam encenações de elementos ligados à sociabilidade, ao sucesso, enfatizando o caráter instrumental da forma nas interações sociais?

Numa sociedade em que as relações sociais parecem ser antes de tudo utilitárias, a conformidade com o ideal de beleza e boa forma, seria um valor de mercado como outro qualquer, e a metáfora do corpo como moeda, um fetiche que se vende, se constrói e se dá como um sinal que circula tanto no consenso das pessoas quanto na retórica repetida pela mídia, tanto nos bastidores da vida social quanto nos palcos onde ocorrem os sensualistas espetáculos esportivos.

É comum perceber diálogos que elegem a forma e as qualidades do corpo como uma interpretação especializada do outro. É um sistema sensualista, e até sexual de interpretação que elege valores hierárquicos de aparência fortemente relacionados à estética corporal. Uma hierarquia social das aparências onde o gordo, o sedentário, o baixo, o feio, o velho, o não esportista ocupa a base de uma pirâmide onde poucos desejam ficar.

Se o culto do corpo é hoje preocupação geral, que atravessa todos os setores, classes sociais e faixas etárias, apoiado muitas vezes no discurso da estética, da qualidade de vida, da saúde, a maneira como se realiza no interior de cada grupo é certamente diversificada e deve incomodar e servir de desafio para que o professor traga para uma discussão com seus alunos.

Parti, então, da hipótese primeira de que a valorização das pedagogias do corpo entre alunos da 8ª série do ensino fundamental que têm acesso a bens da

sociedade de consumo contemporâneo deve-se ao fato de que elas são expressão do um amplo projeto estético cultivado por essa sociedade a qual pertencem. Numa segunda hipótese a expectativa dos alunos com relação à educação física escolar é a de que ela se orienta pela dimensão do esporte de competição/rendimento, querendo que ali se reproduzam os espetáculos esportivos, e assim, novamente subjugados pela sociedade de consumo. O que se buscou foi analisar como alunos da 8ª série do ensino fundamental de uma escola particular entendem as questões sobre: corpo, práticas corporais fora da escola e a Educação Física escolar. Esse olhar e compreensão do que acontece fora da escola em relação ao corpo, a partir de seus próprios alunos, aparece como um desafio para a própria Educação Física escolar. Os temas foram assim divididos: a) entendimento do corpo; b) entendimento das práticas corporais fora da escola; c) entendimento da Educação Física escolar.

O palco onde ocorrem essas encenações é o Colégio Dom Aguirre, situado no bairro do Trujillo em Sorocaba, sendo reconhecido como uma instituição de ensino particular, na medida em que não está vinculada ao ensino público e cobra pelos seus serviços, todavia assumindo legalmente a condição de não obter lucros. Abrange um elenco de atores de diferentes camadas sociais, mas com forte predominância para a classe média, sendo estes em sua maioria provenientes de famílias que possuem moradia própria e renda familiar entre 15 a 20 salários mínimos. Quanto ao desenvolvimento e implementação de sua proposta pedagógica, fundamenta-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e Referencial Curricular Nacional, incrementando ainda a concepção pedagógica do sistema Positivo de ensino na forma de apostilas que devem servir como orientação de conteúdo aos professores de todas as disciplinas. A Educação Física escolar no ensino fundamental é oferecida na forma de duas aulas semanais e é entendida

através do regimento interno do colégio como componente curricular que deve ajustar-se às faixas etárias e às condições de sua clientela. Sua forma de avaliação de frequência e notas é semelhante às outras disciplinas, porém seu peso na constituição da média final dos alunos não é considerado.

Inspirando-me nas problemáticas abordadas principalmente por autores reconhecidos da pós-modernidade como Michel Maffesoli, Jean Baudrillard e Mike Featherstone, apresento este trabalho em partes aparentemente distintas e independentes, precedidas desta introdução e complementada pelas considerações finais. Nesta introdução procuro situar o tema, o objetivo, as ferramentas metodológicas e o problema de pesquisa, suas hipóteses, minha vivência artística, desenvolvendo um determinado percurso de trabalho, sobre o qual discorro agora.

No primeiro capítulo, apresento questões relativas a apropriação do corpo pela educação, principalmente seguindo o roteiro de Carmen Soares; as concepções existentes na Educação Física escolar atual com Elenor Kunz; a minha concepção e a dos professores que atuam na escola onde os alunos entrevistados estudam; aquilo que constitui a cultura corporal de movimento dentro da Educação Física escolar a partir dos PCNs e meu posicionamento perante os mesmos.

No segundo capítulo, busco apresentar o corpo na sociedade pós-moderna, na compreensão dos autores Maffesoli, Baudrillard e Featherstone, abordando questões relativas a uma estética que integra a vida de nossas sociedades através das sensações experimentadas; a evidência do corpo na vida social; o corpo como mercadoria de consumo, de ascensão.

No terceiro capítulo, trato do contexto da pesquisa desenvolvida com os alunos, elegendo neste caso a entrevista semiestruturada para a pesquisa a partir

da contribuição de Augusto Trivinõs e Roberto Richardson. A transcrição literalmente das falas é acompanhada pela análise do conteúdo temático dos discursos como forma de interpretação. Finalmente faço a conclusão explorando elementos que poderão contribuir para uma reflexão sobre a Educação física escolar.

1 CORPO EDUCADO

Precisamente, foi na Europa, ao longo do século 19, que a ginástica firmou-se como parte significativa dos novos códigos de civilidade. Época em que se desejou reformar o corpo, tornando-o reto, rígido, preparado para ser útil à sociedade que se afirmava como burguesa, um corpo capaz de atuar e suportar a exigência da produção. Os corpos deveriam apresentar-se em uma normalidade utilitária e desde a infância, ou melhor, sobretudo nela, deveria incidir uma educação que privilegiasse a retidão, ou como afirma Vigarello (1998), que os mantivesse em verticalidade.

Mas para se compreender a forma e a intenção com que se faz o culto do corpo na atualidade, penso que seja preciso explorar alguns indícios do trato com o corpo em períodos históricos mais antigos. Mas de forma alguma pretendo ser fiel a cronologia rigorosa, e sim, buscar fundamentos para futuras análises.

Por exemplo, perceber o contraste com o trato dispensado pelos antigos gregos. As relações estabelecidas com seu próprio corpo deviam-se à concepção que ficou conhecida em filosofia como estética da existência. Entre seus ideais, a busca pela felicidade era uma das máximas, entendida como um desenvolvimento pleno e harmônico e em profunda interação com os cosmos, sendo que, para isso não havia receitas definitivas e invariáveis. Silva (1996, p. 246) mostra que para os gregos atingir a felicidade era uma busca individual, traçada ao longo de sua vida pelas decisões tomadas.

Os conhecimentos de beleza, verdade e bem eram, naquela sociedade, profundamente imbricados. Nessa perspectiva, não era possível ser saudável, em tudo que esse termo implicava, se os demais componentes não estivessem presentes: só se pode viver bem, se a vida for verdadeira e

bela; se pode ser belo, mas para isso é preciso ser justo e saudável. É possível que apenas com essa fórmula era possível almejar a felicidade.

Assim, os procedimentos recomendados eram, por isso, bastante abrangentes; regimes que eram seguidos ao longo de toda existência e que diziam respeito a todas as atividades humanas. Para Foucault (1984, p. 97) essa estética geral da existência, obteve tamanha importância em função de seu princípio fundante: o equilíbrio corporal se encontra em relação direta com a harmonia da alma. O culto do próprio corpo só se justificava se contribuísse, também, para com o desenvolvimento da alma; o objetivo era a evolução do indivíduo integral.

Avançando com saltos triplos na história, os primeiros séculos da era cristã mantêm uma continuidade com a cultura grega clássica, sua inspiração primeira. De acordo com Silva (1996), a exposição do corpo nu é comum em vários rituais, dos banhos aos exercícios e batizados nas Igrejas, até por volta do século sete. Porém, algumas modificações já se fazem sensíveis, especialmente, no que diz respeito ao fundamento moral do trato com o corpo, que começa a ser visto como fonte de erotismo. Ocorre um cuidado maior com o corpo e uma nova maneira de focalizar a atividade sexual que a aproxima das doenças e do mal em si. Todas as práticas corporais e os exercícios, nesse período, procuram ampliar o controle sobre si (FOUCAULT, 1985, p. 234).

Aliás, a fascinação pelo corpo e a curiosidade em conhecer além do que a pele encobre sempre atraiu o homem, não só por sua necessidade médico-curativa, mas igualmente, por uma curiosidade físico-estética. No final do século 15 e no século 16, por exemplo, o corpo humano esteve no centro da arte renascentista, atraindo o interesse de artistas que buscavam sua beleza e perfeição estética. Leonardo da Vinci esboçou muitos desenhos com estudos anatômicos das partes

inferiores e das proporções do corpo, objetivando um maior realismo em suas obras. A relação entre saúde e forças naturais permanecia como referência maior às práticas médicas desta época, conseguindo influenciar as concepções estéticas.

No século 17 a cirurgia multiplica, de forma decisiva, os exemplos de aparelhagens corretivas. Para além dos estudos dos cadáveres na anatomia, era importante que a fisiologia iria colocar “vida” no centro de suas preocupações. Essa disciplina vai permitir a compreensão das possibilidades de aperfeiçoamento funcional e das qualidades físicas daí decorrentes. Em lugar dos rituais de preservação da integridade do corpo, serão aplicadas “receitas terapêuticas” para o corpo, como a alimentação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes. Os métodos de assepsia substituem o suplício: a criminologia, a eugenia, a exclusão dos degenerados.

Segundo Vigarello (1998) a noção de exercício sai da esfera militar, onde o objetivo é conferir ao corpo sua máxima potência, e penetra, aos poucos, em todas as ordens coletivas. Estimulam-se exercícios respiratórios, renova-se a ortopedia, os aparelhos rígidos destinados a remodelar o corpo tendem a ceder lugar a máquinas que canalizam os exercícios e facilitam o treinamento. Nasce aí a ginástica corretiva ou educativa, baseada em movimentos fragmentados. Tenta-se endireitar os desvios posturais, os defeitos ortopédicos e surgem avanços no tratamento de fraturas ósseas.

Todavia, de acordo com Silva (1996), a transcendência secular, a crença em um mundo regido por leis imutáveis e acima dos homens, acrescido ao poder normativo da Igreja, afastava os indivíduos da autonomia necessária para uma perspectiva de cuidado de si e de responsabilidade pela realização plena de sua própria existência. Com relação aos exercícios, permanecem incentivados, apenas,

a preparação militar e os jogos de guerra, numa demonstração do espírito que prevalecia na época.

Um novo modelo de valorização do corpo vai ganhando projeção. Os jogos da nobreza, até então caracteristicamente de força e agressividade, lembrando grandes batalhas, passam a ser constituídos por gestos precisos, com respeito rigoroso aos traçados e a linha geométrica entre o corpo e a lança, inclusive com o abandono da armadura e a valorização explícita do vestuário.

Segundo Silva (1996), o trato com o corpo passa a adquirir importância para as relações que se trava com o outro, destoando dos períodos anteriores em que o fundamento era a relação consigo próprio, ainda que fosse para evita-lo, como no caso da Idade Média, para não incorrer em pecado perante as leis divinas. Assim, os múltiplos adereços sobre o corpo, buscando enfeita-lo e marcando formas de representação, também, demonstrava essa preocupação com o estar em público, espaço para o qual o corpo era instrumentalizado. É interessante que essa característica ressurgirá com ênfase em períodos posteriores e porque não nos nossos dias.

Até metade do século 18, o discurso médico mantém as bases metafísicas da Igreja, reafirmando a supremacia da alma. A necessidade de domesticar o corpo posta pela Igreja e reforçada pelo discurso médico, vai gerar pedagogias do corpo. Alguns métodos ginásticos daquele período deixam perceber essa intenção, mais ligada aos valores “espirituais”, em contraste com seus subseqüentes. De acordo com Silva (1996) essas pedagogias do corpo mostram “como se instauram outras formas de disciplina visando a interiorização, tratando-se de tocar mais a alma do que o corpo”. Paralelamente, a violência física impera na escola, no sistema penal e nas famílias, especialmente nas classes populares urbanas e pequeno burguesa,

mostrando uma certa perspectiva do corpo. Nessa perspectiva, o corpo se coloca como algo a ser subjugado. Os corpos precisam se conformar aos métodos de disciplinamento, caso contrário, as idéias não poderiam ser controladas. Com o corpo controlado seria fácil controlar as idéias e os sentimentos.

No transcorrer do século 19, quando a ginástica é levada às instituições escolares, recebe sempre a recomendação para responder às questões ligadas à ordem, à disciplina, à higiene. Era uma ginástica composta de certezas, não cabendo questionamentos, restrições, mas apenas ações úteis e passíveis de comprovações experimentais através da divulgação de métodos ginásticos científicos.

Silva (1996) mostra que as concepções de corpo e, paralelamente, de saúde que se estruturaram a partir desse período, apresentam fortes marcas de uma ordem econômica tão diversa quanto a do capitalismo. Foucault (1986), parte da premissa de que as políticas de saúde que se organizam a partir do século 18, têm dois focos de atenção: o desenvolvimento de uma medicina privada, formada a partir dos interesses do mercado que se estrutura e o desenvolvimento de uma medicina voltada para o corpo social que se agiganta. Ambas as medicinas que se organizam são parte de uma estratégia global que considera “as doenças como problema político e econômico”.

Essas características da doença, como problema político e econômico, colocam a questão do corpo a partir de um prisma completamente novo, tanto para o corpo do indivíduo como para o corpo da sociedade. Silva (1996, p.246) salienta:

O corpo não é mais aquele que se esforça ou não para ser feliz e realizado, o que é nobre ou vassalo, que se pune ou que se salva”. É um corpo onde se concretiza a força de trabalho, mercadoria fundamental nesta nova ordem; o corpo social é a garantia de reprodução dessa mercadoria. Suas características, portanto, devem ser de docilidade e utilidade, adequadas ao problema político e econômico que ele representa.

Focault (1986, p. 80) completa:

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política.

De acordo com Soares (2002), foi ao longo do século 19 que surgiram estudos sobre a ginástica carregados de descrição de exercícios físicos que podiam moldar e adestrar o corpo, imprimindo-lhes porte, reivindicando com insistência seus vínculos com a ciência e capazes de instaurar uma ordem coletiva. É o apogeu do Movimento Ginástico Europeu, inspirado à partir das relações cotidianas, divertimentos, festas populares, espetáculos de rua, do circo, dos exercícios militares e os passatempos da aristocracia, “potencializando os princípios de ordem e disciplina”. Este movimento foi pouco a pouco afirmando a ginástica como parte da educação dos indivíduos, que segundo Soares (2002, p. 18) se estabeleceu por vários motivos:

Os princípios de ordem e disciplina são gradativamente aceitos, mas isso não era suficiente {...} ocorre também gradativo afastamento do seu núcleo inicial, cuja característica dominante se localizava no campo do divertimento {...} e finalmente o reconhecimento da ginástica pelos círculos intelectuais.

Houve uma recusa dos espetáculos próprios do mundo circense e das festas populares, do teatro, nos quais o corpo ocupava o lugar central. Paradoxalmente, foi a ginástica científica que se ofereceu como espetáculo controlador do uso do corpo. Um espetáculo protegido e trazido para dentro das instituições, principalmente daquelas que eram militares, copiando alguns dos aparelhos e acrobacias dos artistas de rua. O discurso científico excluía o gesto livre dos nômades que ganhavam a vida com a “arte do corpo”. A beleza do gesto, o lúdico, o mágico, o riso e a alegria, características do mundo circense, deveriam ser abafados, deveriam ser

apagados da memória do povo, em nome do que se chamava precisão, utilidade e rendimento.

Nos espetáculos circenses, o autodesafio é uma constante, já que há um esforço em ultrapassar limites, em sobrepor a vitória sobre o medo. É, ao mesmo tempo, um espetáculo que não tem a pretensão de educar ninguém, apenas “encantar” através de uma criatividade intensa e cativante. Tem como única pretensão fazer a platéia rir muito, transformando aquele momento em uma grande festa cômica e popular. Ressalta-se ainda que a transmissão dos saberes veiculados pelos circenses se dava de forma oral, sem normalização, sem o estabelecimento de regras e deveres.

O teatro, igualmente, fazia parte de um plano de educação popular. Para que essa população recebesse as instruções que deveria, era preciso regular a profissão dos cômicos, por ordem nas suas apresentações, propor novos estilos submetidos a novas regras. Os artistas de circo e de teatro eram considerados as pessoas “mais libertinas”, mais desocupadas e licenciosas. Constituíam, pois, um grupo social próximo dos “vagabundos”, o que explica, em parte, as numerosas medidas de controle aprovadas para submetê-los.

É preciso lembrar que ao longo desse período reinou um tipo de esquadramento da vida das pessoas em todas as suas dimensões, que regidas pela ciência, buscou estabelecer uma ordem lógica nas atividades e um adequado aproveitamento do tempo e energias. O circo, o teatro e todas as manifestações populares não escaparam desse esquadramento. A ginástica científica, como parte de uma crença no progresso, também não poderia escapar dessa premissa, e se destacou principalmente pelo seu caráter ordenativo, disciplinador e metódico.

Havia ainda mais uma vantagem na aplicação da ginástica: a suposta aquisição e preservação da saúde, compreendida já como conquista/responsabilidade individual, podia ocorrer como decorrência de suas prática sistemática, afirmavam higienistas e pedagogos, como críticos dos excessos do corpo vividos por acrobatas e funâmbulos (SOARES, 2002, p. 19).

Passam então, a compor as práticas corporais desse período os exercícios militares de preparação para a guerra, os jogos populares e da nobreza, acrobacias, saltos, corridas, equitação, esgrima, danças e canto. Os atributos de força, agilidade, virilidade, energia, têmpera de caráter, entre outros são privilegiados nas sessões de ginástica. Para as crianças, evidenciava jogos que exercitassem o sentido da visão, utilizando bolas e lançamentos de pedra e dardo. Para os adolescentes e jovens, acrescentava-se o tiro, o boxe, a esgrima e o bastão, buscando o desenvolvimento da prontidão e precisão. Em todos os movimentos se buscava a beleza através da aplicação constante de harmonia e ritmo movimentos.

Soares (2002) acrescenta que de um modo geral, mas guardadas particularidades do país de origem, a ginástica na Europa se desenvolveu da mesma maneira, acentuando finalidades como, por exemplo, de regeneração da raça e promoção da saúde, numa sociedade marcada pelo alto índice de mortalidade e de doenças, sem, contudo alterar as condições de vida e trabalho. Mas a finalidade maior foi, sobretudo, “moralizar os indivíduos e a sociedade, intervindo radicalmente em modos de ser e de viver”.

Apenas como ilustração, na Inglaterra a prática corporal se afirmou através dos jogos esportivos, constituindo um movimento que acabou por desenvolver, aprimorar e consolidar a compreensão do esporte moderno, e conseqüentemente os Jogos Olímpicos da era Moderna. Em alguns países europeus, a ginástica herdou os princípios da cultura grega, comprometendo-a com a idéia de saúde, beleza e força. Mas foi na França que o desejo de apartar a ginástica dos seus vínculos populares

foi mais forte, sistematizando os saberes que permitissem a compreensão da ginástica a partir da ciência e como objeto de investigação. O corpo foi encarado como objeto de estudo e cuidados, predominando principalmente a influência de cientistas, médicos e higienistas. Soares (2002, p. 22) enfatiza que:

A ginástica então deveria ser pensada pelo aparato científico disponível e assim colocada em igualdade com outras práticas sociais, explicada e sistematizada. Devia tornar-se obrigatória para a sociedade em geral, bem como prática regular em todos os currículos escolares .

Segundo Foucault, a anatomia médica enfrentou muitos problemas, readquirindo interesse somente no final do século 19, quando o cadáver voltou a ser entendido como fonte de saber para análise de muitas doenças e a ser dissecado, examinado e estudado. Forma-se, neste século, de um modo mais preciso que em outros momentos da história do homem ocidental, uma educação do corpo, já reconhecida anteriormente como importante. Foucault comenta que impedimentos éticos e religiosos, acrescentados de um desinteresse clínico-científico pelo cadáver, em algumas épocas, foram responsáveis pelo longo caminho que a anatomia teve que percorrer.

Este conjunto de saberes elaborados no interior da medicina vai influenciar fortemente o modo de conceber os exercícios físicos, servindo de base para a ginástica científica. Assim, vinculada aos saberes da anatomia e fisiologia, se estruturou meticulosamente um grande esboço do que se poderia chamar de “teoria geral da ginástica”. Conforme assinala Vigarello (1998), a anatomia inaugurou a verificação pormenorizada das múltiplas forças em jogo na manutenção do porte ereto, da firmeza e do equilíbrio, mas ela dava conta apenas do esquadriamento estático de ossos, músculos e nervos, da manipulação de sua morfologia inerte.

Um outro interesse surgiu, dando conta das explicações acerca da tensão entre as partes do corpo em movimentos. A “dissecação” do corpo mostrou detalhes dos músculos e das suas respectivas articulações, reforçando a mecanização dos movimentos e possibilitando um olhar mais atencioso sobre o ato de mover o corpo e, algo mais pretensioso ainda, “sobre aquilo que move o humano”.

Todo esse referencial que dominou a Educação Física, no século 19, se por um lado representou um elemento de laicidade, uma vez que passava a tratar do corpo, por outro lado, segundo Soares (2001), representou atraso, significando disciplinização de movimentos, domesticação, pois se configurou como mais um canal, absolutamente dominado pela burguesia, para veicular o seu modelo de corpo, de atividade física, de saúde, a sua visão de mundo. Um conhecimento do corpo que permitia o adestramento dos indivíduos, adaptando-os às condições econômicas de exploração econômica do sistema da fábrica, possibilitando ainda de sobra, a organização de um biopoder controlador dos grandes contingentes populacionais.

1.1 Concepções da Educação Física escolar

Quando se fala em corpo na escola, várias imagens começam a povoar nossas mentes. Afinal, de que corpo estamos falando? Daquele que perambula pelos pátios e corredores? Daquele que está estancado nas duras cadeiras de uma sala de aula? Dos que se agarram, se tocam, ou manipulam diferentes identidades? Uma infinidade de corpos que diariamente ocupam o interior de uma escola poderia

ser enumerada. Mas o corpo sobre o qual representa esta pesquisa é aquele que ocupa Educação Física escolar.

Para tentar compreender esse corpo na Educação Física escolar atual, penso ser importante compreender as principais concepções que marcaram e caracterizaram a própria Educação Física escolar, especialmente no Brasil. Posteriormente apresento as falas de três professores da escola onde foi realizada entrevista com os alunos e ainda a minha idéia de concepção de Educação Física escolar.

Ghiraldelli Jr. (1988, p. 16) chama atenção para as concepções encontradas no pensar da Educação Física e as práticas cotidianas, principalmente da Educação Física escolar:

Nem sempre alterações na literatura sobre a educação física correspondem a uma efetiva mudança ao nível da prática. Muitas vezes a prática só se altera quando a concepção que lhe dá diretrizes já perdeu hegemonia. Além do mais essas defasagens ocorrem de maneira diferente para cada região do país.

Kunz (2001) considera quatro concepções básicas em que a Educação Física escolar pode ser trabalhada nas escolas, cada uma com suas diferentes concepções de ser humano/criança e com isto de corpo e movimento somadas as concepções de sociedade/mundo como, também a diferentes entendimentos em relação à cultura, ao movimento, a educação e à saúde.

A primeira concepção destacada por Kunz é a Biológico-Funcional, ou seja, “a concepção que prioriza essencialmente, como atividade de ensino, o exercício físico”. Aqui a tendência central do movimento recai sobre a promoção da função de condicionamento físico, prescrevendo atividades físicas, esportivas, de forma sistemática, metódica e diferenciada para diferentes grupos de acordo com a idade e o sexo. Quantidade e qualidade de exercícios que devem ser administrados para a

promoção da saúde dos alunos. Ainda quando o esporte é utilizado, na forma de jogos ou técnicas de execução, não é no sentido da atividade de lazer ou mesmo de competição, mas sim como atividade física, especialmente para a melhoria do sistema cardio-pulmonar.

Castellani (1998, p. 218) completa ao dizer que “se percebe saúde somente em seus aspectos biofisiológicos, não acompanhando o conceito difundido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que trabalha a idéia de” saúde social “.

A segunda concepção é denominada por Kunz (2001) de Formativo-Recreativo, “onde se tenta cumprir a função de contribuir na formação da personalidade e de habilidades motoras gerais dos alunos, para melhor adaptação às exigências sociais, possibilitando, também organizar ludicamente seu tempo livre”. Nesta concepção o papel da Educação Física é desenvolver atividades coletivas de movimentos e jogos, evitando especialmente a competição e o treino e priorizando o prazer e a espontaneidade dos alunos. A introdução da idéia de recreação foi uma proposta de peso para a Educação Física escolar. Segundo Beltrami (2001, p. 28) “a idéia de recreação tinha, às vezes, sentido semelhante e, às vezes, sentido distinto”. Ou seja, pensada enquanto atividade da Educação Física apresentava caráter formativo quando dizia respeito à importância da formação de valores físicos e morais da criança, ou caráter preventivo quando dizia respeito à ocupação “sadia” do tempo pela criança.

Kunz (2001) denomina a terceira concepção de Técnico-Esportiva, e é sem dúvida a concepção hegemônica atualmente no contexto escolar. Esta concepção busca contribuir com o sistema esportivo no sentido mais geral, ou seja, na descoberta e no fomento do talento esportivo, através da introdução e da adaptação de todos à cultura esportiva. O interesse da Educação Física aqui é claramente

orientado para o rendimento esportivo nos padrões do esporte de alto rendimento. Nascida de uma política de expansão da prática do desporto na década de 70 (PEREIRA DA COSTA, 1971), a Educação Física tornou-se sinônimo de desporto, tanto dentro da escola como fora dela, pois, o desporto como meio educativo “por excelência” poderia inspirar o “espírito de disciplina” e a “lealdade” tão caros a situação política do Brasil daquela época.

Há, nesta concepção, uma defesa de que a separação entre Educação Física e jogos/desportos deve acabar. Os jogos/desportos são estimulados em detrimento aos exercícios, pois, estes com seu caráter monótono e repetitivo têm pouco apelo na receptividade dos alunos. Assim, os corpos aptos para o rendimento esportivo se destacam, privilegiando os ideais olímpicos de mais forte, mais alto, mais rápido.

Esta concepção une-se às inúmeras instituições públicas e privadas que tendem a promover competições esportivas sem qualquer iniciativa pedagógica, reproduzindo os mesmos critérios de competição adotados pelo esporte de alto rendimento.

A quarta concepção que Kunz destaca é denominada de Crítico-Emancipatória, aquela que busca alcançar, como objetivos primordiais do ensino e através das atividades com o movimento humano, o desenvolvimento de competências como autonomia, a competência social e a competência objetiva. A competência objetiva – instrumentalização específica - se desenvolve diferentemente de outras competições, pois, o saber cultural, historicamente acumulado, é apresentado e criticamente estudado pelo aluno.

Por intermédio da competência objetiva se valoriza, também, a condição física, o esporte, as atividades de lazer, da aprendizagem motora, da dança, etc. Isso significa que não se elimina o interesse no movimento; porém, o estabelecimento dos objetivos para desenvolver a competência de autonomia, a competência social e a competência objetiva precedem à

decisão temática e metodológica do ensino destas áreas (KUNZ 2001, p. 107).

Nessa concepção “crítico-emancipatória” os conteúdos assumem caráter teórico-prático, dando conta assim de três categorias .

- Trabalho: desenvolvido no ato de treinar habilidades e técnicas, tem sua importância pelo fato de seu aprendizado proporcionar a participação nas atividades esportivas, além de melhorar a performance física e técnica;

- Interação social: presente no processo coletivo de ensinar e aprender, viabilizado pelo entendimento entre professor-aluno e aluno-aluno. Processo que necessita ser normatizado dialogicamente pelos envolvidos, tomando em consideração elementos como conteúdo e contexto;

- Linguagem: é o que viabiliza o conjunto do processo e que na educação física escolar ultrapassa seu sentido verbal considerando que a expressividade corporal ganha importância.

De acordo com Kunz (2001), o ensino na concepção crítico-emancipatória busca uma libertação de falsas ilusões, de falsos interesses e desejos, criados e construídos nos alunos pela visão de mundo originário do meio onde circulam e regido pelo consumo, pelo modelo, pelo melhor, mais bonito e mais correto, onde o aluno não consegue mais distinguir entre o “sentido universal” de determinado fenômeno, fato ou coisa, e o sentido para si mesmo desse mesmo fenômeno. As estratégias didáticas do professor para o ensino crítico-emancipatório de movimentos e jogos principiam pela “transcendência de limites”, em que o aluno é confrontado com a realidade do ensino e seu conteúdo em especial, a partir de graus de dificuldades:

- Que os alunos descubram, pela própria experiência manipulativa, as formas e os meios para uma participação bem-sucedida em atividades de movimentos e jogos;
- Que os alunos sejam capazes de manifestar pela linguagem ou pela representação cênica, o que experimentaram e o que aprenderam, numa forma de exposição que todos possam entender;
- Por último, que os alunos aprendam a perguntar e questionar sobre suas aprendizagens e descobertas, com a finalidade de entender o significado cultural dessa aprendizagem, seu valor prático e descobrir, também, o que ainda não sabem ou aprenderam.

Nas quatro concepções apresentadas, pode-se observar uma pluralidade de entendimentos sobre a Educação Física escolar, onde apesar das diferenças e das abrangências, é o corpo que aparece como seu objeto e passível de ser educado. Ao contrário da última concepção, as três anteriores são atreladas a um racionalismo e a um objetivismo característicos das proposições positivistas da ciência. Esse cientificismo dessas propostas só começa a ser rompido com a última concepção apresentada que considera a cultura e o homem de forma mais simbólica e dinâmica.

Fazendo um olhar reflexivo sobre a minha atuação dentro da Educação Física escolar posso afirmar que a idéia de se seguir uma ou outra das concepções apresentadas acima ainda representa uma certa dificuldade, ou pela própria crise de identidade em que se encontra esta área, pela minha formação universitária, ou ainda pela influência da concepção pedagógica da escola.

Com uma formação acadêmica influenciada pelos preceitos de saúde corporal, do esporte “esportivizado” e ainda totalmente a-crítica, afirmo que nenhuma daquelas tendências acima se apresenta hegemonicamente em meu cotidiano escolar. Mas tentando um diagnóstico mais preciso sobre a prática do meu cotidiano na Educação Física escolar, revelo que existe uma proximidade com a concepção formativa-recreativa, na medida em que nego absolutamente as concepções biológica-funcional e a técnico-esportiva, reconhecendo por outro lado um distanciamento da concepção crítico-emancipatória.

Historicamente a Educação Física escolar já é uma disciplina enfraquecida dentro da concepção pedagógica escolar por inúmeros motivos: supervalorização da racionalidade que tende negar as questões relativas ao corpo (ou quando não apenas o vê como função motora e biológica); um sentido pejorativo de “lazer”; objeto de permuta entre os alunos; instrumento de punição; “não precisa pensar” ou “só dá uma bolinha e pronto”; dispensas médicas; e outras questões que requerem mais estudo ainda.

Acrescenta-se a tudo isso ainda um certo descompromisso dos alunos com relação à disciplina, e temos um quadro onde muitas vezes o que resta aos professores é exigir menos para promover uma participação maior; investir na construção e reforço de relações sócias; fazê-lo adquirir maior número de experiências motoras; e finalmente introduzi-lo no esporte da escola.

Influenciado pelas leituras deste trabalho, ultimamente tenho tentado entender a Educação Física escolar não mais a partir de referenciais teóricos das ciências humanas, mas entende-la a partir de uma questão eminentemente cultural. Na Educação Física, Daolio (2003) é aquele que mais representa essa tendência, acrescentando a todas as outras concepções a contribuição da visão antropológica

de Clifford Geertz, que enfatiza e aprofunda a discussão da dimensão simbólica no comportamento humano, através de um processo coletivo de significações inserido na própria dinâmica cultural da sociedade. Daolio (2003, p.124) dimensiona a Educação Física em outra escala “não mais como área que trata apenas do corpo e do movimento para constituir-se em área que trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionados com o corpo”.

Assim meu desafio, mesmo que em breve momentos, passa a ser em me desvencilhar cada vez mais de uma visão mecanicista e não mais objetiva sobre o corpo físico, buscando uma prática designada como da “desordem”, não mais preocupada em controlar, domesticar o indivíduo, o tempo, o espaço, a história, o corpo, a emoção, os conteúdos, o esporte, etc. Daolio (2003, p. 125) diz:

A Educação física da desordem pretenderia atuar sobre o ser humano no que concerne às suas manifestações corporais eminentemente culturais, respeitando e assumindo que a dinâmica cultural é simbólica e, por isso mesmo variável e que a dimensão necessária para essa intervenção e, necessariamente, intersubjetiva .

Mais estudo.

1.2 O que dizem os professores?

Mostro adiante as falas dos professores de Educação Física da escola onde a pesquisa foi realizada, destacando brevemente a formação, o entendimento de corpo na sociedade atual, sobre a concepção de educação da escola onde atuam, desvelando as concepções sobre a Educação Física escolar.

Professora Rosana Aparecida de Abreu Pegoretti, 43 anos, há 20 anos no Colégio Dom Aguirre, com Pós-graduação em Psicopedagogia (Universidade de Sorocaba) e em Atividades físicas e saúde para crianças e terceira idade (Faculdade de Educação Física de Sorocaba).

Me lembro que na graduação o enfoque era na saúde/ Havia um tipo de revolução na Educação Física apontando para que a saúde fosse o tema principal/ Nos congressos e na oferta de cursos isso era predominante/ Mas o esporte ainda tomava conta / A maioria dos alunos que ingressavam no curso também tinham um passado no esporte / Isso de certa forma influenciou em nossa formação/ Só quando você começa a atuar na escola é que você percebe o quanto lhe falta em termos do próprio entendimento de educação/ Saímos da faculdade com uma cartilha pronta/ Hoje me vejo muito mais preocupada com a socialização dos alunos, tento despertar o interesse que para o aluno entenda que as atividades vão lhe fazer bem, que ele é capaz de fazer também/ A importância do esporte ser praticado não como forma de só ganhar, mas de praticar a coletividade, a cooperação, de perceber que ela precisa do outro, do quanto é gostoso sua prática/ Tento fazer com que conheçam as regras, o mínimo das técnicas e assim elas. Possam aproveitar melhor esse esporte, e quem sabe até se aprimorar em outros lugares/ Quando vejo nossos resultados nos jogos escolares, até me pergunto se essa falta de competitividade que as meninas apresentam não é muito de

minha culpa/ Não estimulo a competição por si só/ Elas querem é participar das equipes isso sim/ Aquelas meninas que apresentam uma forte competitividade têm estímulos externos, da família, dos clubes onde freqüentam, das escolinhas ou até mesmo é uma coisa natural dela/ Na verdade você faz a sua própria concepção de aula, e também sofre a influência através do convívio com outros colegas/ essa pluralidade de concepções confunde muito o próprio professor/ Como dizer de uma e ignorar as outras/ Nós trabalhamos com pessoas muito diferentes/ Não acredito numa concepção única/ Você leva em consideração à própria idéia de educação que a escola prega/ Hoje a escola está voltada para o conteúdo, para a aprovação no vestibular/ A sociedade cobra isso da escola, os pais. Querem isso/ Eu discordo disso, mas eu entendo a posição da escola/ Para o aluno ainda é muito difícil, porque eles têm a mídia que mostra outra coisa, eles têm a família para lembrar todo dia que ele precisa tirar notas boas / Também a questão da estética é muito exigente para eles/ Do corpo até a roupa, boné, as marcas, tudo passa pela estética/ Tem também aquela coisa de querer participar de atividades e esportes, como uma tentativa de enquadramento dentro de um determinado grupo/ Ele precisa fazer parte de uma turma, se parecer com o grupo/ A Educação Física não acompanha muito isso, mas ao mesmo tempo não dou muita liberdade ao aluno de ele fazer somente aquilo que ele gosta/.

Professora Patrícia Vieira dos Santos, 32 anos, há 16 anos no Colégio com Aguirre , com Pós-graduação em Psicopedagogia (Universidade de Sorocaba) e em Atividade física e saúde para criança e terceira idade (Faculdade de Educação física de Sorocaba).

Na época da minha graduação o destaque era a moda da academia, da ginástica aeróbica, meio calistênica ainda/ Claro que o esporte sempre dominava/ O de competição mesmo/ Me lembro apenas de um professor da faculdade de tinha uma preocupação maior com a educação/ Acho fundamental que a Educação Física busque o desenvolvimento motor, que valorize a parte social destacando o convívio com os colegas/ Um resgate das brincadeiras de rua, de recreação mesmo/ Hoje tenho alunas que estão fazendo aulas em academias, nas escolinhas de esportes, dança, ou mesmo ficando o dia no computador e na televisão, mas que estão perdendo essa oportunidade de brincar/ Minha experiência quando criança na escola era de atividades recreativas, que foi muito bom para mim/ Quando aplico o esporte, me preocupo que eles entendam as regras de cada esporte, numa tentativa de que eles levem isso para a vida deles/ Não sou muito fã de competição esportiva/ Acho importante o esporte estar orientado para uma participação, para um desenvolvimento do raciocínio que cada jogo provoca, para o lazer também/ Não é o papel da Educação Física escolar dar treinamento/ Quero que os alunos participem e entendam os benefícios de uma

aula, dos alongamentos, da ginástica, que tenham consciência sobre a saúde e a necessidade de atividades físicas/ Hoje percebo que o corpo virou só estética, do magro principalmente, sem precisar ter saúde/ Veja esse regime dos carboidratos que virou moda e é muito danoso para a saúde/ As meninas querem peitos grandes, quadril largo proporcional com a parte de cima do corpo/ Tem que ter o corpo durinho e ser alta/ Quando fazem um esporte vão no limite físico e emocional / A escola em geral tenta fazer o aluno entender que o principal é a nota, a média, essa busca pela aprovação no vestibular/ É uma escola que responde ao sistema que esta aí, não se preocupa muito com mudanças / A Educação Física aqui foge disso eu acho/ Talvez pudesse partir para um questionamento de tudo isso que a sociedade é hoje com relação ao corpo, mas temos pouco tempo, as turmas são grandes/ Há a questão que os alunos tem uma necessidade muito grande de atividades físicas / Saem correndo das salas de aula quando chega a aula de Educação Física, alguns para não fazer nada mesmo, outros porque precisam se movimentar/ Não dá para tirar esse momento deles, em troca de questionamentos sobre o corpo na sociedade/ É uma hora livre deles, para correr, saltar, jogar, brincar/ Acabo fazendo isso em pequenas doses.

Professor Wanildo, 48 anos, há 16 anos no Colégio Dom Aguirre, com Pós-graduação em Psicopedagogia (Universidade de Sorocaba).

Tive uma graduação onde a finalidade era trabalhar em escola, não tinha tantas opções/ Era ainda o começo desse tipo de trabalho que hoje há em academias/ Hoje me preocupo com que os alunos dêem importância para a aula, para os valores que a Educação Física acaba passando/ Muitos encaram a aula como uma brincadeira / Acho importante que eles entendem também que o relacionamento com os colegas é uma coisa boa que eles dever levar para a vida deles/ Aprender a ganhar, a perder, a empatar/ Hoje em dia eles só querem ganhar, porque é isso que eles estão vendo na televisão principalmente/ Quando dou esportes para eles, tento mostrar a importância das regras, das maneiras corretas de se fazer um fundamento, para que possam aproveitar mais o jogo/ Mas as turmas são grandes e é difícil que todos acabem vendo os benefícios de cada exercício/ Numa vida adulta eles tirariam proveito dessas noções que a gente passa para eles/ Dou o esporte sim, mas primeiro exijo que eles façam o mínimo de exercícios/ A escola tem um único objetivo que é fazer o aluno passar no vestibular/ É difícil escapar disso/ Se ela não fizer isso tem a concorrência que faz e daí/ Infelizmente a escola só valoriza o inteligente, aquele que tira nota/ É difícil falar qual proposta de aula eu sigo/ Cada aula é um tipo de aluno, cada aula é uma turma diferente de outra, cada turma são vários

fatores que interferem/ Talvez acabo fazendo um pouco de tudo.

1.3 Considerações sobre as falas dos professores

Ao fazer uma síntese das falas dos professores entrevistados é possível afirmar que existe uma tendência de concepção que se aproxima daquela caracterizada por Kunz (2001) como formativa-recreativa, pois, em vários momentos no discurso são revelados elementos de uma conduta que tem como interesse contribuir na formação da personalidade, na construção de habilidades motoras, de uma melhor adaptação social e também a possibilidade da experiência lúdica.

O esporte recebe um tratamento instrumental, mas seus objetivos são dimensionados para que ele possa servir como um facilitador da construção de relacionamentos positivos e de um melhor aproveitamento como atividade recreativa. O jogo aparece como um instrumento para o desenvolvimento do raciocínio, embora desvinculado do caráter competitivo.

Observa-se que a idéia de uma única concepção a ser seguida não existe nas falas dos professores. Mesmo eles terem tido uma formação universitária com predominância das tendências biologista e esportivizada, o que se percebe é uma prática de Educação Física escolar idealizada a partir de relações interpessoais (professores), de um subjetivismo (experiência), de uma adaptação constante (diferentes turmas) e subordinada a concepção pedagógica da escola (reprodutivista).

A possibilidade de se trabalhar com questionamentos e uma visão crítica com relação ao corpo na sociedade atual, esbarra na ideologia da escola, na estruturação das aulas e num subjetivismo que entende que a necessidade de movimentos dos alunos se faça mais necessária.

Finalmente, entendem o corpo na sociedade atual como um produto da mídia, que exerce influência sobre o desejo estético e sobre o esporte, sendo as práticas corporais realizadas fora da escola, vistas como uma necessidade de enquadramento a um determinado grupo.

1.4 A cultura corporal de movimento dentro da Educação Física escolar

Inspirado no modelo espanhol de educação, O Ministério da Educação e do Desporto, através da Secretaria da Educação fundamental (MEC/SEF), mobilizou a partir de 1994 um grupo de professores pesquisadores no sentido de elaborar os PCNs. Em 1997, foram lançados os documentos referentes aos 1º e 2º ciclos (primeira a quarta séries) do ensino fundamental e no ano de 1998 os relativos aos 3º e 4º ciclos (quinta á oitava séries), incluindo um documento específico para a área de Educação Física. De acordo com o grupo que organizou os PCNs, esses documentos têm como função primordial subsidiar a elaboração ou versão curricular dos estados e municípios, dialogando com suas propostas e experiências já existentes, incentivando a discussão pedagógica interna nas escolas e a elaboração de projetos educativos, assim como servir de material de reflexão para a prática de professores. Ou seja, um referencial para todos o país, que procura respeitar as

diversidades regionais, culturais, políticas, permitindo aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários aos exercícios da cidadania.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação física trazem uma proposta que procura democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica da área, buscando, ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpora, de forma organizada, as principais questões que o professor deve considerar no desenvolvimento do seu trabalho, subsidiando as discussões, os planejamentos e avaliações da prática de Educação Física (BRASIL, 1998, p.15).

Tendo como referencial os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), especificamente o terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, procuro demonstrar aquilo que constitui ou que se pode chamar de cultura corporal de movimento da Educação Física escolar.

Compreender o corpo como sendo uma construção cultural parece fundamental para justificar a existência de diferentes padrões corporais de beleza em épocas, grupos ou sociedades específicas. Para isso, inicio esclarecendo o sentido de cultura. Evidentemente, de um modo geral, ainda se vê muita confusão no uso da expressão “cultura”. O próprio termo é confundido com conhecimento formal, ou como sinônimo de classe social mais elevada, ou ainda como indicador de bom gosto.

Geertz (1989) define cultura como sendo condição essencial para a existência humana, e nos fala de um conceito semiótico, em que é necessária a existência de padrões culturais e sistemas organizados de símbolos significantes para dirigir o comportamento humano. O mesmo autor diz acreditar, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, de maneira que podemos considerar a cultura como sendo essas teias e a sua análise. Por isso, ele nega a

Antropologia como ciência experimental em busca de leis, para ser uma ciência interpretativa à procura do significado.

No texto inserido nos PCNs (1998), o conceito de cultura logo é entendido, simultaneamente, como produto da sociedade e como processo dinâmico que vai constituindo e transformando a coletividade à qual os indivíduos pertencem, antecedendo-os e transcendendo-os. Esclarecendo:

É o conjunto de códigos simbólicos reconhecíveis pelo grupo, e é por intermédio desses códigos que o indivíduo é formado desde o nascimento. Durante a infância, por esses mesmos códigos, aprende os valores do grupo; por eles é mais tarde introduzido nas obrigações da vida adulta, da maneira como cada grupo social as concebe (BRASIL, 1998, p. 27).

Assim a cultura corporal também deriva desse conjunto de códigos simbólicos, a partir das diversas possibilidades do uso do corpo que surgiram na mesma proporção que o homem constatou a sua fragilidade biológica. As mais variadas necessidades corporais foram paulatinamente superadas: as militares, as de domínio e ocupação de espaço; motivos econômicos, de saúde, práticas compensatórias e profiláticas, festivas, religiosas, artísticas, lúdicas e outras mais.

Algumas utilizações do corpo se aproximaram diretamente às exigências de sobrevivências, adaptação ao meio e a produção de bens e serviços. Outras se aproximaram as relações de lazer e divertimentos. Os PCNs enfatizam:

Com um caráter predominantemente lúdico ou utilitário, todas as práticas corporais, visam, ao seu modo, a combinar o aumento da eficiência dos movimentos corporais com a busca da satisfação e do prazer na sua execução (BRASIL, 1998, p. 28).

Comumente o que definirá o lúdico do utilitário será a intenção do praticante. Por exemplo: um esporte pode ser praticado com fins utilitários, no caso um

esportista profissional, e pode ser praticado numa perspectiva de prazer e divertimento, pelo cidadão comum.

Dentro do universo de praticas corporais existentes, algumas foram incorporadas pela Educação Física escolar como objetos de ação e reflexão: os jogos e brincadeiras, os esportes, as danças, as ginásticas e as lutas, que têm em comum a representação corporal de diversos aspectos da cultura humana.

Ao longo do tempo as praticas corporais produziram conhecimentos e representações e acabaram constituindo, através de uma resignificação de suas intencionalidades, formas de expressão e sistematização, o que se pode chamar de cultura corporal de movimento (BRASIL, 1998, p. 28).

Historicamente ligada às origens militares, médicas e aos valores de uma sociedade dominante, a Educação Física restringiu os conceitos de corpo e movimento aos únicos aspectos fisiológicos e técnicos. Daolio (2004, p. 1 e 2), afirma que:

A conseqüência dessa exclusividade biológica na consideração do corpo pela educação física parece ter sido a construção de um conceito de intervenção pedagógica como um processo somente de fora para dentro do indivíduo, que atingisse apenas sua dimensão física, como se ela existisse independentemente de uma totalidade, desconsiderando, portanto, o contexto sócio-cultural onde o homem está inserido.

Nos PCNs prevalece uma tendência para que se busque a análise crítica e a superação da concepção biologista-funcional, apontando a necessidade de que se considerem também as dimensões cultural, social, política e afetiva, presente no corpo vivo, isto é, no corpo das pessoas, que interagem e se movimentam como sujeitos sociais e como cidadãos. Observa-se ainda nos PCNs uma distinção entre organismo – no sentido estritamente fisiológico – e corpo – que se relaciona dentro de um contexto sócio-cultural – procurando abordar os conteúdos da Educação física como expressão de produções culturais, como conhecimento historicamente

acumulado e socialmente transmitido. Passa-se a entender a Educação Física como:

Uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transforma-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (BRASIL, 1998, p. 29).

Portanto, trata-se de localizar em cada uma dessas modalidades (jogo, esporte, dança, Ginástica e luta) seus benefícios humanos e suas possibilidades de utilização como instrumentos de comunicação, expressão de sentimentos e emoções, de lazer e de manutenção e melhoria da saúde. Seguindo o rastro dos PCNs, Daolio (2004, p. 2) enfatiza ainda:

O conhecimento popular corporal ocorre diferentemente em função do contexto, possuindo significados específicos, e por isto, não é possível defender o desenvolvimento dos conteúdos da Educação Física de forma unilateral, centralizada e universal. Há de se levar em conta às características e os significados inerentes a cada manifestação de cada conteúdo, nos variados locais e contextos. Em outras palavras, o momento da aplicação, a forma de desenvolvimento e o sentido de cada conteúdo serão variados, transformando o professor num mediador.

Nos PCNs, é bem clara a distinção que deve prevalecer entre os objetivos da Educação Física escolar e os objetivos do esporte, da dança, da ginástica e da luta. Embora sejam fontes de informações, não podem transformar-se em meta a ser almejada pela escola, como se fossem fins em si mesmos.

A concepção de cultura corporal de movimento nos PCNs ainda amplia a atuação da Educação Física escolar nos seguintes temas:

- a) Educação Física e cidadania: Afirmando como direito de todos o acesso e a participação no processo de aprendizagem, sem considerar o desempenho físico e técnico; buscando o

desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos; análise crítica a dos valores sociais, como padrões de beleza e saúde, desempenho, competição exacerbada; visão crítica do sistema esportivo profissional, ética do esporte, discriminação sexual e racial.

- b) Educação Física e mídia: Permanente diálogo crítico com a mídia, sobre a construção de novos significados e modalidades de entretenimento e consumo.

1.5 Conteúdos da cultura corporal de movimento no contexto escolar

Nos PCNs os conteúdos estão organizados em três blocos, que deverão ser desenvolvidos ao longo de todo o ensino fundamental. A distribuição e o desenvolvimento dos conteúdos estão relacionados com o projeto pedagógico de cada escola e a especificidade de cada grupo. Pede-se o contemplamento dos vários níveis de competência desenvolvidos, para que todos os alunos sejam incluídos e as diferenças individuais resultem em oportunidade para troca e enriquecimento do próprio trabalho.

Dentro dessa perspectiva, aponta-se que o grau de aprofundamento dos conteúdos esteja submetido às dinâmicas dos próprios grupos, evoluindo do mais simples e geral para o mais complexo e específico ao longo dos ciclos. Os diferentes enfoque podem ser:

Esportes, jogos, lutas e ginásticas.	Atividades rítmicas e expressivas
Conhecimentos sobre o corpo	

Os três blocos articulam-se entre si, têm vários conteúdos em comum, mas guardam suas especificidades. O bloco conhecimentos sobre o corpo tem conteúdos que estão incluídos nos demais, mas que também podem ser abordados e tratados em separado. Os outros dois guardam características próprias e mais específicas, mas também têm interseções e fazem articulações entre si.

Apresento a seguir os conceitos e procedimentos de cada bloco de conteúdo propostos nos PCNs (1998):

CONHECIMENTO DO CORPO

Compreensão dos fatores fisiológicos que incidem sobre as características da motricidade masculina e feminina.
Compreensão dos mecanismos e fatores que facilitam a aprendizagem motora.
Conhecimento dos efeitos que a atividade exerce sobre o organismo e a saúde.
Compreensão das relações entre as capacidades físicas e as práticas da cultura corporal de movimento.
Vivência de diferentes formas de desenvolvimento das capacidades físicas básicas.
Compreensão das técnicas de desenvolvimento e manutenção das capacidades físicas básicas.
Identificação das capacidades físicas básicas.
Compreensão dos aspectos relacionados com a boa postura.
Identificação das funções orgânicas relacionadas às atividades motoras.
Vivências corporais que ampliem a percepção do corpo sensível e do corpo emotivo.

ESPORTES JOGOS LUTAS GINÁSTICAS

Desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras por meio das práticas da cultura corporal de movimento.

Desenvolvimento da capacidade de adaptar espaços e materiais na criação de jogos.

Compreensão dos aspectos históricos sociais relacionados aos jogos, às lutas, aos esportes e às ginásticas.

Compreensão e vivência dos aspectos técnicos e táticos do esporte no contexto escolar.

Aquisição e aperfeiçoamento de habilidades específicas a jogos, esportes, lutas e ginásticas.

Compreensão e vivência dos aspectos de quantidade e qualidade relacionados aos movimentos ginásticos.

Compreensão das diferentes técnicas ginásticas relacionadas com diferentes contextos histórico-culturais e com seus objetivos.

Compreensão e vivência dos aspectos relacionados à repetição e à qualidade do movimento na aprendizagem do gesto esportivo.

Vivência de esportes individuais, coletivos, cooperativos dentro de contextos participativos e competitivos.

Participação na organização de campeonatos, gincanas, excursões e acampamentos dentro do contexto escolar.

Desenvolvimento da capacidade de adaptar espaços e materiais para realizar esportes simultâneos, envolvendo diferentes objetivos de aprendizagem.

Vivência de variados papéis assumidos no contexto esportivo (goleiro, defesa, atacante, técnico, torcedor, juiz).

Participação em jogos, lutas, e esportes dentro do contexto escolar de forma recreativa e competitiva.

ATIVIDADES RÍTMICAS E EXPRESSIVAS

Vivências das danças folclóricas e regionais, compreendendo seus contextos de manifestação.

Compreensão dos aspectos histórico-sociais das danças.

Exploração de gestos e códigos de outros movimentos corporais não abordados nos outros blocos.

Percepção dos limites corporais na vivência dos movimentos rítmicos e expressivos.

Predisposição a superar seus próprios limites nas vivências rítmicas e expressivas.

Vivência das danças populares regionais, nacionais e internacionais e compreensão do contexto sócio cultural onde se desenvolvem.

Vivência da aplicação dos princípios básicos na construção de desenhos coreográficos.

Vivência das manifestações das danças urbanas mais emergentes e compreensão do seu contexto originário.

Compreensão do processo expressivo partindo do código individual de cada um para o coletivo.

Reconhecimento e apropriação dos princípios básicos para construção de desenhos coreográficos e coreografias simples.

Desenvolvimento da noção espaço/tempo vinculada ao estímulo musical e ao silêncio com relação a si mesmo e ao outro

Percepção do ritmo pessoal e grupal.

Apresentados os blocos de conteúdos proposto pelo PCNs (1998), logo uma pergunta aparece. Como de fato operacionalizar essa proposta dentro da Educação Física escolar?

Realmente o que chama a atenção é a imensidão de detalhes presentes nos PNCs, transformado-se quase em verdadeiras receitas de como deve uma aula. Não

se trata de ignorar os principais avanços conquistados com essa proposta, principalmente aspectos relacionados à concepção de uma Educação Física escolar cidadã: a) o princípio da inclusão; b) dimensões dos conteúdos (atitudinais, conceituais e procedimentais); c) e os temas transversais. Com essas influências o discurso do PCNs deve girar mesmo em torno da cidadania, entendendo a escola como um dos espaços possíveis de contribuição para a formação de cidadão crítico, autônomo, reflexivo, sensível e participativo.

Seu rico conteúdo tem o intuito de promover uma grande abertura para que realmente a Educação Física escolar faça parte do projeto pedagógico da escola, a partir do momento que promove uma postura crítica de suas atividades, conduzindo para uma superação de um modelo que trabalha seus conteúdos somente através de procedimentos.

Mas é preciso apontar aqui o grande abismo, uma tensão, que existe entre a proposta reconhecida como oficial e a prática no cotidiano escolar. Certamente o ponto nevrálgico dessa tensão seja mesmo o professor, pois muitos não tiveram em sua formação universitária tais dimensões dos conteúdos propostos, e há ainda aqueles que desconhecem e aqueles que conhecendo, nada garante que apliquem em suas aulas. Entende-se que a formação continuada é uma carência que pode resultar nesse tipo de atitude, pois haveria a necessidade de uma qualificação para trabalhar com quaisquer propostas que pretendam um objetivo não fragmentado. Uma crítica bem percebida na Educação Física, no momento da implementação dessa proposta, foi à escassa e precária participação de professores e outros setores educacionais e afins na elaboração dos PCNs, culminando ainda numa percepção da impossibilidade de se voltar atrás e desencadear um processo tido

como mais democrático. Há ainda a tradição que acompanha a disciplina que dificulta a sua incorporação para se trabalhar com esses conteúdos.

Outra questão que provoca um certo desconforto é a extrapolação dos conteúdos. É bem aceitável como justificativa para efetiva possibilidade da participação da Educação Física escolar no processo educacional, mas o elemento fundante da Educação Física escolar que, por excelência, ainda é o movimento do corpo, ou as manifestações corporais, precisam sempre estar presente.

A aplicação desses conteúdos da forma dimensionada como se apresenta, solicita condições e respaldo suficiente das demais esferas da instituição onde é aplicada, ou continuará se constituindo em uma proposta isolada.

2 O CORPO PARADIGMA ESTÉTICO

O corpo no mundo contemporâneo, o corpo que se move, que transpira, que quer ser visto, que se metamorfoseia, que compartilha, comemora, joga, exercita, esbarra indiscutivelmente e visivelmente numa dinâmica profunda desta época, ou que parece mais estar visível, a estética. Santin (1993, p. 125) afirma que o termo estética compõe-se de duas raízes etimológicas. Uma é “aisth”, que significa sensação, sentir; a outra é “etos”, que significa costume, moral. Portanto, pode-se dizer que estética significa a moral ou o costume da sensação e do sentimento. O filósofo Michel Maffesoli (1999), tem como hipótese central para nossa época as relações sociais enquanto um paradigma estético. Chama a atenção para uma estética não redutível às obras da cultura canônica, nem tampouco às de vanguarda ou ainda ao “senso estético”, mas aquilo que integra a vida de nossas sociedades, cada vez mais acentuado, que é o sensível, as sensações na sua estrutura de conjunto, sendo as diversas modulações da imagem sua expressão privilegiada. O sentido forte do seu termo “paradigma estético” é assim entendido como:

Um tal entusiasmo coletivo, tal solidariedade, com minúscula ou maiúscula, tal realização arquitetural, depreciada ou exaltada, poderá ser também o hedonismo mercantilizado da maneira que se sabe, ou ainda o kitsch e o mau gosto que lhe serve de suporte (MAFFESOLI, 1999, p. 50).

O reconhecimento do paradigma estético, ou sensibilidade coletiva pode ser feito, principalmente pela explosão publicitária, pela difusão de imagens televisivas e videotexto, onde a sociedade aparece oferecendo-se como seu próprio espetáculo, vivendo sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem:

A catástrofe, o triunfo esportivo, a parada militar, o festival musical, a explosão de uma nave espacial, o encontro político, o seqüestro do avião, o engarrafamento urbano, a tomada do refém, a viagem papal, a AIDS, etc.,

tudo contribui para uma espécie de alegre apocalipse que pelo menos, fragiliza nossas razoáveis certezas (MAFFESOLI, 1999, p. 50).

Maffesoli informa como o grande segredo da estética, a efervescência coletiva tornada banal: o que é vivido, experimentado em comum, o que irá ligar essencialmente um ao outro na lógica do estar-junto, não mais finalizada, direcionada para o longínquo, mas, ao contrário, centrada no cotidiano, invertendo a polaridade constituída pelo par, moral e política (modernidade) por uma outra que se articula em torno do hedonismo e da estética (pós-modernidade). No primeiro caso, a tônica era colocada na história, no segundo, no destino. Explicita:

Trata-se de um deslize multiforme, que só pode resumir de um modo esquemático, mas que ilustra bem a importância que assume, em inúmeros domínios, o pluralismo, a explosão, o relativismo. Coisas que, naturalmente, emergem da prevalência que assume o cotidiano em toda sua concretude. Coisas que vão de encontro à simplificação, à tendência à unidade, numa palavra, à abstração, que dominem em uma visão do mundo, tendo por valor essencial a ordem racional (MAFFESOLI, 1999, p. 53).

Em domínios diversos como à arquitetura, o vestiário, as relações com o ambiente social ou natural, e até a vida política, ocorre um “processo de extraverson generalizada” que resulta, segundo o autor, em sociedades “somatófilas”, ou seja, sociedades que amam o corpo, fazendo a exaltação e a valorização desse corpo:

Numa tal perspectiva, direi que o body building ressurgindo nos nossos dias não é, de modo algum, um fato individual ou narcísico, mas muito pelo contrário, um fenômeno global, ou, mais exatamente, a cristalização no nível da pessoa (persona) de um ambiente de todo coletivo. Um jogo de máscaras generalizado (MAFFESOLI, 1999, p. 53).

Assim, observa-se ao renascimento do “homo estheticus”, como figura determinante e dominante da vida social, em contra-posição ao “homo economicus”. Sua referência se apóia principalmente numa atitude predominante do “tátil”. Uma atitude que acentuará tudo o que favorecer ao contato, ou privilegiar o

relacionamento das pessoas e das coisas. A predominância dessa atitude “tátil” com a valorização multiforme do corpo remete ao “palpável”, a um ambiente geral que favorece ao tato:

Enquanto a ótica é uma perspectiva que se inscreve no longínquo, historiza-se de certo modo, o tátil favorece o que está próximo (proxemia), o cotidiano, o concreto. É nesse sentido que se pode compreender a estética, é nesse sentido que se pode ligar a estética à preocupação com o presente que tende a prevalecer hoje em dia (MAFFESOLI, 1999, p. 54).

Esse se ligar ao presentismo, referindo-se ao sentido da oportunidade, à banalidade e à força agregativa corporal encontra na estética sua referência. Assim estética, enquanto cultura dos sentimentos, simbolismo, assegura a conjunção de elementos então separados, não vista mais como um suplemento distrativo, ela torna-se uma realidade global, ao mesmo tempo existencial e intelectual, torna-se “uma realização, um imperativo vital”.

A estética que se refere a momentos vividos em comum, nas situações em que se exprime o “tempo imóvel” e o prazer do “instante eterno”, remete a uma outra concepção do tempo, não mais aquele implacável e uniforme, mas o da duração que varia segundo as pessoas e seus reagrupamentos. “As relações sociais, do mesmo modo que as relações com o ambiente natural, valem pelo que são...vividos ut sit.” (MAFFESOLI, 1999, p. 61).

É uma concepção do tempo que vai privilegiar uma espécie de férias, ou melhor, uma “disponibilidade social”, que deseja compor o lazer, a criação e prazer de estar junto. São momentos de sacrifício: vai se “matar o tempo”, matar o tédio, ignorando a produção e o tempo racionalmente organizado em favor de uma “felicidade trágica”.

A crítica, pertinente e evidente, é para um período em que a preponderância da razão pura subordinou a sensibilidade (corpo, imagem, símbolo) à compreensão, e um outro, que reduziu o conhecimento aos critérios da ciência, tal como é elaborada pelos positivistas: “só é real o que é racional, todo o resto não passa de baboseiras perigosas das quais convém se livrar, ou pelo menos relegar às esferas particulares da existência (poesia, jogo, divertimentos)” (MAFESSOLI, 1999, p. 71). Um período em que tudo que se relaciona ao corpo é negado ou relegado à esfera da vida privada, de um lado porque ele é imprevisível, um pouco caótico e nunca completamente dominável, do outro, por causa da impureza real ou potencial de que é sempre tachado. A esse corpo, suporte da vida sensível, só resta então ser sublimado mesmo, e muitas vezes é com essa única condição que será levada em conta. Sublimação que pode resultar em negação ou tolerância em limites muito precisos.

Percebe-se que a sociedade não é apenas um sistema mecânico (racional) de relações econômico-políticas ou sociais, mas um conjunto de relações interativas, feito de emoções, afetos, sensações que como costuma lembrar Maffesoli “constitue o corpo social”.

Quer sejam espontâneas ou não, escondidas nas manifestações musicais, esportivas, vividas no trabalho, na escola, na vizinhança, em cada um desses casos o que está em conta é o desejo de estar-junto:

Ora, é preciso notar que os períodos sensualistas não se reduzem aos sentidos, à sensibilidade, ao sensível, mas ao contrário, integram, ao lado desses parâmetros, a dimensão intelectual ou espiritual. É assim que, de minha parte, interpreto e admirável conjunção que se vê regularmente ressurgir, entre a exacerbação do corpo e dos sentidos (MAFFESOLI, 1999, p. 75).

Maffesoli entende existir épocas “sensualistas” e épocas “racionalistas”, no entanto, não reconhece a existência única e pura dessas épocas, acreditando numa contaminação, imbricação, muito ou pouco, apostando na referência de uma tendência como critério diferenciador. Acrescenta que a tendência “sensualista” pede uma revalorização do senso comum, “onde o sensível é a condição de possibilidade da vida e do conhecimento”.

Daí a tônica que é colocada, nesses períodos, sobre a experiência estética: experiência artística *stricto sensu*, experiência da religiosidade, tribalismo, preocupação com si, hedonismo multiforme, culto dos objetos, narcisismo coletivo, etc. (MAFFESOLI, 1999, p. 76).

Aliás, o apelo ao senso comum permite lembrar que não é possível fazer abstração do sensível, pois é isso mesmo que garante o perdurar da espécie, seja como forma de conservação de si e coletiva, onde o “sensível enquanto realidade empírica, e o senso comum, enquanto categoria filosófica, tornam a dar gosto a felicidade terrestre”.

Ainda o senso comum, de acordo com Maffesoli, constata que a preocupação consigo mesmo fortalece a preocupação com os outros, e a partir daí o sensível é um princípio civilizador, que faz participar de uma realidade supra-individual, integrando o indivíduo a uma comunidade. É nesse sentido que o autor procura entender narcisismo coletivo, nada parecido com o que se diz habitualmente sobre o culto do corpo que tende a isolar, que é causa e efeito de um individualismo galopante. “Pode-se dizer que o corpo, enquanto metáfora dos sentidos, é um resumo do corpo social; o corpo conveniente que se” faz “funda a sociedade”.

Para Maffesoli (1999, p. 151) o homem é produto da estética, ele é participante de um “genius” coletivo que o ultrapassa de longe. É tomado pelas formas que o modela e faz dele o que ele é, ou seja, o homem é menos criador de imagens, que

forjado por elas. “Quando adere às imagens televisivas, quando é encantado pelos estereótipos das imagens publicitárias, ou quando é submerso pelas imagens políticas, ele apenas reconhece os arquétipos do mundo imaginal”.

O autor lembra que a prevalência da aparência é, de um lado, uma realidade (um conjunto de realidades) suficientemente verificada para que seja levada a sério. E, do outro, uma constante antropológica que se encontra em lugares e em tempos diversos, sendo a teatralidade dos corpos que se observa hoje em dia apenas a modulação dessa conduta: “a forma esgota-se no ato, é pura efloração, basta-se a si mesmo”.

Um olhar mais atencioso dos inúmeros domínios onde isso é observável (na moda, na publicidade, nas imagens da mídia, no político, no econômico, no esportivo, na religião, na teoria, tudo isso e muitas coisas ainda), nos faz refletir que realmente o significado conta, menos que o signo. É fácil imaginar a força que o jogo das formas, aparência, faz em todos os sentidos:

Uma tal perspectiva, e a tradição grega que, por mais uma vez, continua a nos inspirar, repousa essencialmente sobre a sinergia do belo e do bom, do belo e do sério,...reconheça-se ou não, o belo partilhado com outros está na base da organização da *techné* e da *polis*, coisas que progressivamente racionalizaram-se em técnica e política. Mas, embora tendo sido minorizado por ocasião da racionalização do mundo, o belo permaneceu continuamente um elemento de importância. Pode-se até dizer que, sem esse elemento, a gestão do técnico-econômico (a *techné* estrutura contemporânea) e do político tornam-se impossível e, com certeza, incompreensível (MAFFESOLI, 1999, p. 156).

Ligar-se aos jogos das formas, é segundo o autor reconhecer que a estética – “emoção comum” – inscreve-se na globalidade do dado natural e social, sendo um elemento de destaque para compreender essa mesma globalidade. O corpo que se ocupa nas diferentes práticas corporais (body building, esportes, cuidados dietéticos, cosméticos, teatralidade, etc), “permitem compreender que os diversos jogos de

aparência inscrevem-se num vasto sistema simbólico”. Pode-se acrescentar que a preocupação e o cuidado com o corpo que se observam constantemente, as máscaras e os adornos “podem ser analisados como tantos outros meios de se situar uns com relação aos outros. O corpo em espetáculo, sendo, a partir daí, causa e efeito de comunicação” (MAFFESOLI, 1999, p.164).

Nesse espetáculo corporal, que o autor refere-se como uma “epifanização do corpo”, a sociedade tende a privilegiar o que se conhece como corporeísmo, tão observável no ressurgimento comunitário, tribal. A pessoa, enquanto arquétipo, vive e repete os instintos criadores coletivos, usando suas máscaras, ela se coloca em cena ou participa da encenação dos tipos gerais:

É nesse sentido que não se pode falar de individualismo ou narcisismo, quando se constata a prevalência do corpo. O travesti, nos casos paroxísticos, o disfarce, a moda, o atleta, o enfeite, o corpo nu que se constrói e que se mostra,..., encontra-se uma figura arquetipal representando uma imagem ou uma força coletiva. Todas as modulações do corpo em espetáculo simbolizam o corpo social. A máscara permite representar o pavor ou a angústia, a cólera ou a alegria...em afetos que só valem porque são coletivos (MAFFESOLI, 1999, p. 172).

Para o autor parece não haver nada de frívolo nessa linguagem corporal que ele acaba chamando de “corpos em cacho” (esportes, consumo nos grandes magazines, festivais, etc), ou aquilo que se pode entender como um narcisismo de grupo. A lógica de estar-junto que remete ao gozar tudo e imediatamente, difratando o corpo coletivo no corpo social:

Trata-se de uma curiosa e nova eucaristia que não deixa de fortalecer as numerosas comunidades que se reconhecem nela. Corpo que come e toca junto, corpo que canta e dança em coro, corpo que se ornamenta, que se epifaniza em telas de televisão (MAFFESOLI, 1999, p. 184).

É desse modo, mais ou menos nítido, que Maffesoli vê a sociedade contemporânea, tomada num verdadeiro transe, onde, num movimento sem fim,

circulam as aparências, as pertinências e multiplicidades da cultura que trabalham o corpo. Claro, em maior ou menor escalas, explodem na atualidade, mostrando um cotidiano cada vez mais invadido pela imagem, pelo sensualismo, pelo desejo de viver aqui e agora os prazeres do presente. A conquista dos prazeres desse presente só pode ocorrer num vaivém entre uma atividade e outra, entre um grupo e outro, escancarando uma das características essenciais de uma sociedade onde se esboça a organização social de um corpo consumista. É sobre este assunto que vou me referir com mais ênfase no próximo item deste capítulo.

2.1 Corpo mercadoria-signo

Uma outra forma de tentarmos entender o corpo contemporâneo é através do contexto sócio-cultural atual, em que umas das mais importantes características é a sobreposição da esfera do consumo à esfera da produção. Nunca se vendeu tanta bugiganga e quinquilharia, nunca se prometeu tanta felicidade para aqueles que podem adentrar a sociedade de consumo.

De acordo com Baudrillard (1981, P. 206), é um consumo que não se esgota nem pela sua capacidade de absorção, nem como uma mera satisfação da necessidade, pois, se assim fosse, deveria chegar a um ponto de saturação.

É preciso que fique claramente estabelecido desde o início que o consumo é um modo ativo de relação (não apenas com os objetos, mas com a coletividade e com o mundo), um modo de atividade sistemática e de resposta global que se funda nosso sistema cultural .

Segundo Featherstone (1994), tal sociedade de consumo é geralmente definida tendo por base a industrialização, a urbanização e a administração pública das populações. As transformações relacionadas à estética corporal caracterizam a sociedade atualmente, ocorrendo constante busca por um corpo ideal construído pelo meio cultural. A cultura de consumo parece exercer forte influência nessa construção de corpos belos, fortes, competitivos, aptos, já que transmite uma quantidade de imagens do consumo com sugestões de prazeres e desejos alternativos.

O mesmo autor aprofunda o tema referindo-se ao período caracterizado pelas influências do processo de industrialização, após a Segunda Guerra Mundial, e a conseqüente expansão do capitalismo nas sociedades ocidentais contemporâneas. No entanto, ao pensar no Brasil, há que se considerar a restrição do processo de industrialização, ocorrendo em apenas algumas regiões, tornando-se os principais centros urbanos do país. Segundo Featherstone (1995), esses fatos irão impulsionar a cultura de consumo em tais sociedades.

Featherstone (1995) identifica três perspectivas fundamentais para a cultura de consumo. A primeira tem como premissa a expansão da produção capitalista de mercadorias, que deu origem a uma vasta acumulação de cultura material na forma de bens e locais de compra e consumo. Com isso, tem ocorrido a proliferação de atividades relacionadas ao lazer e ao consumo. Dentre essas atividades estão as práticas corporais e o conjunto de significados atribuídos a elas. Em segundo lugar, Featherstone (1995) faz referência a concepção sociológica. Nesta segunda perspectiva, o acúmulo de mercadorias leva as pessoas a criarem vínculos ou estabelecerem distinções sociais. Em terceiro lugar, o autor discute sobre os prazeres emocionais do consumo, os sonhos e desejos que fazem parte do

imaginário cultural consumista e em locais específicos de consumo que produzem diversos tipos de excitação física e prazeres estéticos. Essas três perspectivas levam a refletir sobre a relação social que é estabelecida entre os sujeitos de um meio social e o conjunto de significados que estão relacionados à atitude consumista.

O corpo torna-se especial e precioso nessa esfera de consumo, sendo transformado em um dos símbolos e objetos mais vendáveis e cultuáveis do mundo capitalista. Segundo Baudrillard (1981, p.213) “o sistema de produção induz nos sujeitos uma dupla prática: a do corpo como capital, isto é, como o finalizador do processo de produção, e como fetiche, sendo ele o próprio objeto de consumo” .

Dessa forma não haveria por que o corpo não ser privilegiado na expansão da mercadoria, pois, é o desenvolvimento de uma mercantilização completa de todas as esferas da vida, cada detalhe, cada forma, sentimentos, emoções, desejos e interesses. Vivemos sobre a pressão de uma sociedade que tem necessidade de vender permanentemente, e tudo o que é vendido deve ser monopolizado. Assim criam-se os falsos valores da sociedade mercantil de consumo, de que cada coisa tem seu preço, incluindo aí a força de trabalho de um atleta (que tem passe e que pode ser vendido). Um atleta é transformado em mercadoria, assumindo as características dos empreendimentos do setor produtivo ou de prestação de serviços, isto é, empreendimentos com fins lucrativos.

Baudrillard (1981) explica que o consumo supõe a manipulação ativa de signos e na sociedade capitalista tardia o signo e a mercadoria teriam se juntado para formar a “mercadoria-signo”. A distinção entre imagem e realidade é gradativamente abolida pela reduplicação infinita de signos, imagens e simulações por meio da mídia. Preocupado em denunciar o consumo como elemento central e

reductor das sociedades capitalistas, Baudrillard (1981, p. 141) considera beleza corporal um signo com valor de troca:

A ética da beleza, que também é a da moda, pode definir-se como a redução de todos os valores concretos e dos valores de uso do corpo (energético, gestual e sexual), ao único valor de permuta funcional que, na sua abstração, resume por si só a idéia de corpo glorioso e realizado .

Assim a evidência do corpo na vida social, denominada pelo autor de “redescoberta do corpo”, estaria associada às necessidades de consumo. Um exemplo seria a revista *Veja* (2004, p 20) que mostra num artigo em letras maiúsculas que cerca de 1,2 milhão de paulistanos lotam 3.500 academias da cidade de São Paulo. Baudrillard (1981, p. 157) assim enfatiza:

Na panóplia do consumo, o mais belo, precioso e resplandecente de todos os objetos – ainda mais carregado de conotações que o automóvel que, no entanto, os resume a todos – é o CORPO. A sua “redescoberta”, após uma era milenária de puritanismo, sob o signo da libertação física e sexual, a sua onipresença (em especial, do corpo feminino – ver-se-á porque) na publicidade, na moda e na cultura de massas – o culto higiênico, dietético e terapêutico como que se rodeia, a obsessão pela juventude, elegância, virilidade/feminilidade, cuidados, regimes, práticas sacrificiais que com ela se conectam, o Mito do Prazer que o circunda – tudo hoje testemunha que o corpo se tornou objeto de salvação. Substituiu literalmente a alma, nesta função moral e ideológica.

Estamos diante de um corpo contemporâneo que sofre um investimento maquinal em seus mínimos detalhes, em suas mínimas inserções. É um corpo como objeto de culto e ascese contemporâneos, uma estrutura de salvação. Próchno (1999, p. 16) chama de “uma nova economia”, em que a verdadeira liberdade se posiciona na atenção incansável ao corpo: “é preciso que ele seja belo, preparado, em forma, em linha, sem traços de gordura”.

A revista *Época* (2004, p. 45/48) destaca que o número de homens no Brasil que procuram métodos para emagrecer aumentou cerca de 25% em dez anos, revelando um dado da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica em que os homens

já representam cerca de 30% de todas as cirurgias realizadas. É a luta na base do bisturi contra os grandes males do corpo: feiúra e gordura.

O corpo que se sobrepõe, inclusive no imaginário social, é um corpo de modelo, manequim, um corpo de Apolo, corpo de atleta, algo assim forjado e tratado como objeto de consumo mesmo. São imagens corporais até rígidas de tanta perfeição e beleza, que precisam urgentemente estar belos, bem asseados, musculosos, quase que imortais, disfarçando o possível as marcas do tempo, a marca das rugas.

Expande-se a idéia de que seja importante, também, que os indivíduos se conservem indefinidamente e aparentemente jovens. A juventude é vista como valor e modelo a ser alcançado, num mundo em que ser jovem é o caminho para o sucesso financeiro e sexual (HAUG apud CASTRO, 2003, p. 102). Receita para evitar ou retardar o envelhecimento: atividade física, botox, viagra.

Featherstone (1995, p. 67) argumenta que nas sociedades ocidentais contemporâneas o processo exacerbado pela busca de uma conduta e um procedimento mais jovem ocorre "{...}" pela forte ênfase na aparência física, na imagem visual que é um dos elementos fundamentais que impulsiona a cultura de consumo". O mesmo autor refere-se ao volume de imagens e réplicas do corpo humano, em que as imagens da juventude, saúde e beleza são aquelas usadas para vender mercadorias e experiências por meio de anúncios.

No encontro com essas imagens estampadas no cotidiano, passamos a idealizar modelos corporais e somos estimulados a desejar um corpo semelhante com padrões de beleza, força, esportividade. Os meios de comunicação simplificam os temas, esvaziando-os de críticas, encarrregando-se de produzir desejos e reforçar imagens de corpos estereotipados, utilizando o esporte como emissário de

status econômico, transformando-o em rótulo de embalagem de mercadorias. Aliás, esta característica do esporte tem influenciado, cada vez mais, os praticantes do chamado esporte de lazer, independentemente da idade. Procura-se gerar necessidades e expectativas massificadas, difundindo maneiras de agir, de se comportar, de organizar a vida.

Baudrillard (1995, p. 143) faz a emenda:

Da higiene à maquiagem, passando pelo bronzamento, pelo desporto e múltiplas libertações da moda, a redescoberta do corpo passa antes de tudo pelos objetos. Parece que a única pulsão verdadeiramente libertada é a pulsão da compra.

As mídias são grandes veiculadoras desse novo culto ao corpo. Há uma enorme quantidade de anúncios publicitários onde aparecem corpos considerados perfeitos, induzindo os leitores a consumirem uma imensa parafernália para conseguirem a boa forma desejada. Isto seria um investimento e considerado um bem de altíssimo valor. Convencidos disso, quem pode e deseja recorre às mais diversas práticas corporais, cirurgias, próteses, os geniais aparelhos domésticos, as milagrosas formulas alimentares, que juntos compõem o coquetel para um novo corpo.

Outdoors publicitários excitam o desejo. Aliás, é interessante como a publicidade convoca o corpo para vender tudo, fazendo a associação do corpo com todos os tipos de produtos: carro, cigarro, bebidas, celular, sapato, vestíbular, banco, loterias, cartão de crédito, computador, revistas, sandálias, etc. A publicidade possui um único fim: tirar o valor de uso dos objetos, diminuir o seu valor/tempo, sujeitando-se ao valor/moda e à renovação acelerada. Eu quero um corpo.

É evidente também que esse corpo desejado envolve, segundo Carvalho (2001), o aspecto saúde. A autora afirma que essa é uma época “neurotizada” pela idéia da atividade física em que a questão da saúde é associada à beleza estética como o único caminho para o sucesso, para a felicidade e para o dinheiro. Ainda segundo a autora, há em nossa sociedade a construção da imagem do corpo belo como sinônimo de corpo saudável, independente de ser ou não real, sendo que o importante é parecer belo e saudável. Isso é decorrente de um processo de estetização da vida cotidiana e das influências da cultura de consumo.

Aliás, SÁ (2003) expõe que o consumo do corpo através do esporte de rendimento projeta um modelo padronizado para quem quer chegar a ser um grande atleta, “modelando o imaginário dos indivíduos, criando/introjetando personagens, atitudes, ideais, impondo uma micropolítica de relações de poder”. O corpo passa a ser refém do poder financeiro, do poder da mídia e porque não da medicina, fazendo com que o atleta profissional muitas vezes não apresente qualquer autonomia sobre seu próprio corpo. Um atleta profissional quase sempre está à mercê de um esquema que se parece muito com o esquema de organização industrial, devendo responder racionalmente pela sua produtividade, por padrões de comportamento, reproduzindo relações já estabelecidas na sociedade - competição, hierarquia, medição, liderança, abnegação, etc – favorecendo desta forma as relações de saber-poder. O corpo no esporte precisa ainda responder por um rendimento para que possa, além de tudo, seduzir o espectador (consumidor também). Assim Sá (2003, p. 90) completa:

Os sentimentos, a felicidade e a infelicidade de cada um estarão alienados no corpo de cada atleta, representante da virtude de seu país. Frente a esse espetáculo, o espectador, conduzido pela ação do personagem-atleta, vive momentos de raiva e euforia: suas emoções projetam-se em ações positivas ou negativas, renovadas e desenvolvidas durante o desenrolar do drama, como acontece quase sempre nos campeonatos de futebol.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA

A pesquisa aplicada pode ser caracterizada como do tipo descritiva com uma investigação qualitativa. Através do estabelecimento de uma informalidade que facilitasse a relação pesquisador-aluno, foi aplicada uma entrevista semiestruturada na certeza de se obter dados semelhantes entre os vários alunos, embora se reconheça a perda da oportunidade de compreender como é que os próprios entrevistados estruturariam os tópicos em questão. De extrema importância metodológica foi a dimensão ou entendimento que os entrevistados forneciam de suas experiências dentro e fora da escola.

A entrevista foi aplicada com nove alunos da 8ª série do ensino fundamental do Colégio Dom Aguirre, sendo sete do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idade média de quatorze anos. O período da entrevista concentrou-se no segundo semestre do ano de 2004, utilizando o momento destinado às aulas de Educação Física escolar dos alunos entrevistados. Essa opção foi adotada para que não distanciasse o entrevistado do seu ambiente e que o mesmo pudesse discorrer sobre os temas com mais naturalidade. Como se sabe, nesse tipo investigação qualitativa, o número de pessoas entrevistadas não impede a validade da pesquisa, pois não se está levando em conta nenhum tipo de tratamento estatístico.

Como já citado na introdução deste trabalho, parti da hipótese primeira de que a valorização das práticas corporais fora da escola entre alunos do ensino fundamental que têm acesso a bens da sociedade de consumo deve-se ao fato de que elas são expressão de um amplo projeto estético cultivado por essa sociedade a qual pertencem. . Numa segunda hipótese a expectativa dos alunos com relação à Educação Física escolar é a de que ela se orienta pela dimensão do esporte de

competição/rendimento, querendo que ali se reproduzam os espetáculos esportivos, e assim, novamente subjugados pela sociedade de consumo. O que se buscou foi analisar como alunos da 8ª série do ensino fundamental de uma escola particular entendem as questões sobre: corpo, práticas corporais fora da escola e a Educação Física escolar. Esse olhar e compreensão do que acontece fora da escola em relação ao corpo, a partir de seus próprios alunos, aparece como um desafio para a própria Educação Física escolar. Os temas foram assim divididos: a) entendimento do corpo; b) Entendimento das práticas corporais fora da escola; c) Entendimento da Educação Física escolar.

3.1 Critérios de análise dos resultados das entrevistas

Para a interpretação das respostas das entrevistas foi aplicada a técnica de análise de conteúdo, adaptada de Trivinõs (1987), destacando duas funções que se complementaram, ou seja “verificação de hipóteses e/ou questões e a descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos”. Através da primeira função tentou-se encontrar respostas para as questões formuladas e também para confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses), e na outra segunda procurou-se ir além das aparências do que foi comunicado. Segundo Barin apud Trivinõs (1987, p. 160):

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens .

A base metodológica da análise de conteúdo está na pergunta como analisar ou como tratar o material. Em outras palavras, como codificar. Segundo Holsti (apud RICHARDSON, 1999, p. 233), “a codificação é um processo pelo qual os dados em bruto são sistematicamente transformados ou agrupados em unidades que permitam uma descrição exata das características relevantes do conteúdo”. Assim a codificação é uma transformação, seguindo regras específicas de um dado texto, procurando agrupa-los em unidades que permitam uma representação do conteúdo desse texto. No caso deste trabalho, a unidade utilizada foi a temática, a partir de uma frase ou uma frase composta, através da qual pudesse formular diversas observações. Como diz M.C.D' Unrug (apud RICHARDSON, 1999, p. 235), “o tema é uma unidade de significação complexa de dimensões variáveis; sua realidade é de ordem psicológica, não de ordem lingüística, tanto uma afirmação quanto uma alusão pode constituir um tema”. O tema também é reconhecido amplamente como unidade de registro para o estudo de motivações, opiniões, atitudes, crenças, etc.

Após a apresentação das falas de todos os alunos entrevistados segue-se à interpretação sobre as mesmas.

3.2 Apresentação das falas dos alunos

As falas dos alunos são trechos transcritos literalmente dos diálogos realizados.

Tema 1 - entendimento de corpo

Para buscar o entendimento do corpo dos alunos que realizam práticas corporais fora da escola, o diálogo foi desenvolvido a partir de duas questões: a)

Uma reflexão sobre o corpo nos dias de hoje, explicitando como deve ser o corpo. b)

Uma reflexão sobre o seu próprio corpo.

Nicolas, 14 anos, pratica tênis e musculação.

a) O corpo para mim demonstra muita coisa, por exemplo: Uma pessoa de “boa pinta”, de boa aparência tem muito mais chance de conseguir um emprego do que uma pessoa “amarrotada”./ Para a pessoa ser um atleta o corpo deve ter baixo teor de gordura, bem preparado fisicamente, mas tudo dentro de suas características. / Uma pessoa de baixa estatura física não pode fazer um trabalho, um esporte que exija altura, pois não tem como ela ficar enorme, não tem como. / Tudo deve ser dentro de suas características.

b) Eu estou satisfeito com meu corpo. / é um corpo típico do esporte que pratico. / é lógico que tenho muito que melhorar./Preciso perder um pouco de peso, ganhar mais massa muscular/ É preciso estar com o corpo pronto, em forma sempre/ Não dá para relaxar nenhum dia senão os resultados desaparecem/.

Camila, 14 anos, pratica dança, futebol e yoga.

a) O corpo é um slogan./ Um corpo saudável é fundamental para uma vida mais feliz, e é isso que eu procuro e acho que todos deveriam fazer também./Acho que dá uma expectativa de

vida melhor em relação a tudo./ Um corpo deve ser sempre saudável, controlável e aceitado pela pessoa que o comanda./ O domínio e o controle sobre o corpo são fundamentais, pelo menos para mim.

b) Gosto de fazer qualquer tipo de movimento, não deixo de fazer nada, mesmo que não consiga, tento fazer./ Aprendi que se trabalharmos bem o corpo é possível conseguir tudo./ Felizmente adoro meu corpo do jeito que ele é. / Não quero mudar nada nele.

Leonardo, 15 anos, pratica natação.

a) Para mim o corpo é a casa do nosso espírito enquanto estamos vivendo na terra./ Por isso o corpo deve ser bem cuidado e preservado ao máximo para não envelhecer antes do espírito./ não penso que um corpo de modelo faça alguma diferença na sociedade de hoje./ Um corpo deve ser firme, sem exageros de magreza, nem gordura e é claro saudável./ A pessoa deve se sentir bem com o seu corpo./ não pode sentir um corpo pesado que impeça de fazer o que queira./ Por exemplo, os corpos do Gustavo Borges, da Daniela Cicarelli são perfeitos.

b) Tenho consciência que para aquilo que faço meu corpo ainda tem que melhorar muito/ Se você tiver determinação pode conseguir o que quiser com ele / É claro que prefiro um

corpo sarado, mas antes de tem que ser rápido/ Gosto do meu peito e do abdômen/ Tem que ter também uma alimentação senão você não consegue fazer o treino, não consegue atingir o limite/ Não ligo muito para estética, mas sempre ajuda/.

Patrícia, 14 anos, pratica musculação, spinning, alongamento e relaxamento.

a) O Corpo mostra como você é quando alguém vê você./ Se você tem um corpo definido, tudo certinho, a pessoa logo pensa que você se cuida, que você tem um cuidado consigo. /Eu acho que o corpo também pode abrir mais oportunidades na sua vida se você cuidar bem dele./ Acho que um corpo deve ser normal, / Se for definido demais acaba ficando feio./ Se for muito relaxado, como daquelas pessoas que nem ligam para ele, daí fica ruim também./ Tem que ter equilíbrio tem que cuidar dele, pois, ele revela muito sobre você.

b) Hoje sou muito feliz com o meu corpo, porque eu emagreci bastante esse ano./ Aprendi a gostar do meu corpo do jeito que ele é, e não ficar esperando ter o corpo como o de alguém famoso ou dos modelos da televisão.

Rafhael, 14 anos, pratica futebol de campo e futsal.

a) Para mim, o corpo me representa, é uma imagem em semelhança de tudo o que eu penso, faço, das atitudes que eu

tomo./ é assim que as pessoas me vêem, essa é a posição que ele representa na sociedade./ Por isso devo cuidar dele, ser extremamente zeloso, já que se eu for bom comigo mesmo, se me preocupar com a saúde corporal, isso será notado pelos próximos ao meu redor./fará com que apareçam mais oportunidades profissionais, pessoais, etc. / sem adentrar em especificidades físicas, você deve se alimentar para alcançar o peso ideal, que depende e varia conforme a altura./ Cada atividade física exige um modelo atlético que se adapte a este, mas na minha opinião um corpo deve ser de estatura mediana, magro, com altas capacidades de velocidade, explosão muscular, etc.

b) Tenho que aceitar como sou./ Fazer todas as mudanças possíveis para melhorar minha capacidade, chegando ao meu limite./Só rejeito no meu corpo aquilo que eu sei que tenho capacidade de melhorar.

Guilherme, 14 anos, pratica natação.

a) Para mim corpo é mais um símbolo de saúde que as pessoas podem estar tratando de acordo com seu interesse – profissional, esportivo, pessoal, etc. - / e também ter um bom corpo faz com que você se sinta melhor./O importante é você se sentir bem e gostar do seu corpo./ o principal é a saúde, os demais fatores podem ser até dispensados./ Mas acho que o corpo deve ser tratado de acordo com a atividade corporal que

você exerce ou com que você se sente bem./ Eu acho que tem que ter definição, saúde e desempenho.

b) Com a atividade que eu faço meu corpo teria de ter mais força e menos volume./ tenho que ter bom desempenho sem muita massa corporal devido ao atrito com a água./ no momento até que estou satisfeito, mas gostaria de ter um corpo mais definido./ mais voltado para a vaidade.

Igor, 15 anos, pratica beisebol.

a) O Corpo não deixa de ser importante. Tanto para seu dia-a-dia como na estética também. Você se sentir bem com o corpo./ Você não pode deixar seu corpo de lado, tem que estar sempre trabalhando ele, mesmo que seja uma coisinha pequena./Depende da carreira que a pessoa segue o seu corpo vai influenciar./A estética de certa forma influencia sim./ Às vezes a estética não permite que a pessoa realize alguma coisa./Impede ou acaba atrapalhando, depende do que vai fazer na vida./ Uma pessoa muito gorda ou muito magra vai ter problemas, tem que ter equilíbrio.

b) Meu corpo trabalha bem naquilo que faço, ele responde muito bem./ Não tenho um corpo tremendo, forte./ Tenho um corpo para realizar as minhas atividades e ele agüenta bem./ Qualquer tipo de esporte eu me dou bem pelo corpo que tenho, tenho facilidade para tudo.

Thiago, 15 anos, pratica Jiu-Jitsu e musculação.

a) O corpo tem muita importância hoje em dia. Por exemplo, tem muita gente na praia que não tira a roupa. As pessoas não têm nenhum destaque se estiver com um corpo caído./ É claro que também influencia a cabeça um corpo legal, mas depende da pessoa, o que ela quer da vida também./

b) Meu corpo tá bom assim./ As pessoas me olham diferente./ quando você é gordo ninguém fica com você, meninas assim sabe./ antes eu era um pouco gordinho, então eu queria emagrecer./ Agora já quero fazer mais com meu corpo./ Dá pra melhorar mais.

André, 14 anos, pratica natação.

O corpo quanto mais ajeitado, mais chance você tem de se dar bem./ É claro que o corpo é só um detalhe, a cabeça conta também./ O corpo se é gordo tomo mundo vai zuar, então você tenta ser magro./ Se você é muito alto, você mesmo não vai gostar/ Se você é baixo vai querer crescer./ O Corpo nunca está perfeito./ Mas a pessoa tem que estar com a saúde em ordem./ Olha dependendo do que ela faz, a estético vai ajudar./ Para o esporte acho que não tem tanto importância não./ Eu acho que cada um fica com o corpo que quer./ Hoje se quiser ficar saradinho fica, se quiser ficar gordo fica./ Cada um fica como quer./ Não gosto de gente musculosa.

b) Odeio meu cabelo./ Gosto do meu abdome, minha barriga./ Por causa do meu estilho de nataçãõ controlo bastante meu abdome e entãõ ele fica perfeito./Quero atingir o máximo com meu corpo, superar meus limites./ Não quero e nem preciso ficar musculoso./ Do jeito que meu corpo é tá bom.

Tema 2 – entendimento das praticas corporais

Para buscar o “entendimento sobre as praticas corporais fora da escola”, o diálogo com os alunos foi proposto a partir das questões encadeadas: c) Fale sobre a atividade corporal que você realiza fora da escola. O que quer com ela. Como chegou até ela.

Nicolas

Eu sou tenista./ Treino até três vezes por semana pesado, que eles chamam de treino técnico e durante duas vezes por semana faça trabalho físico, incluindo o trabalho de musculação. / Resumindo treino três horas por dia. / Tenho um professor particular e um professor da academia que passa os treinos de musculação./Nos finais de semana ou, às vezes, durante a semana participo de competições estaduais e brasileiras./ Minha academia é a Match Point./ Não sei quanto meu pai paga de mensalidade, mas quando tem competições ai é preciso viajar, pagar juiz, ficar no hotel./ Tem o custo da raquete também, que dependendo do modelo é bem cara, mais

ou menos trezentos reais./ Quem me levou até o tênis foi meu pai que joga faz trinta anos e quando eu tinha mais ou menos seis anos peguei gosto pela coisa e comecei a jogar e treinar./ Meu objetivo em primeiro lugar é me tornar um atleta de alto nível, um profissional, o que acho que estou quase conseguindo, mas ainda tenho muito que melhorar e em segundo lugar me tornar um jogador profissional do tênis./Também quero conseguir uma bolsa nos Estados Unidos para continuar a estudar e treinar.

Camila

Faço desde os três anos de idade Ballet na academia Espaço de Dança./É um lugar que sempre está renovando conhecimentos em todas as áreas./ Não gostava muito, mas a minha mãe sempre me influenciou, de maneira suave é claro./ Agora estou fazendo sapateado que estou amando./ Me traz um controle do pé./ O jazz faz soltar o corpo./ Sem contar que jogo futebol e todo tipo de esportes na ACM./ Há pouco tempo comecei também a fazer yoga para começar a trabalhar mente./Minha mãe sempre achou importante o trabalho com o corpo./ Tenho mais dois irmãos e os dois praticam esportes diariamente./ Acho que todas essas atividades que faço me dão uma melhor qualidade de vida./ Quero continuar ser uma pessoa extremamente ativa e isso já consegui./ Viver em um outro ambiente fora da escola isso é bom pra gente, conhecer

outras pessoas/ Quando eu deixo de ir para a academia fico até mal humorada/.

Leonardo

Eu faço natação todos os dias./ Nado de quatro a sete quilômetros por dia./Se não começar agora não tem mais chance no futuro./ Quanto mais cedo começar melhor para ser um atleta de nível./ Participo de competições e, além disso, faço exercícios preparatórios para a natação como puxar elástico, abdominais, alongamentos, etc. / Treino na academia do colégio Objetivo, pois meus tempos são bons e então eles me convidaram./ Já ganhei o campeonato paulista regional na minha idade e várias competições aqui em Sorocaba./ Fui também sexto colocado no campeonato paulista em dois mil e três./ Sempre nadei desde criança e um amigo me indicou o primeiro local onde poderia treinar./ Sempre desejei melhorar meu condicionamento e agora quero mais ainda, pois preciso diminuir meus tempos se quiser ganhar alguma coisa./Acho que gasto uns duzentos reais por mês, mas quando vou competir gasto mais uns cem para a viagem e alimentação/.

Patrícia

Eu faço de tudo um pouco./ De segunda-feira eu faço aula de spinning na bicicleta./ De quarta-feira eu faço musculação, mas

com pouco peso./ Na sexta-feira eu faço alongamento e relaxamento./Nos outros dias da semana só faço uma caminhada perto de casa./ Minha academia é a Training Center./Eu desejo me manter saudável, não procuro ficar forte ou toda definida./Eu já consegui isso, eu me mantenho assim, do jeito que eu gosto, sem exageros./ Quem me incentivou foi minha mãe e meu pai, eles fazem academia faz uns dez anos, e são muito amigos do dono de lá./ Conheço quase todo mundo do meu horário./ Tem uma turma que a gente também sai junto./Não sei quanto custa por mês, acho que uns cinqüenta reais/.

Rafael

Pratico futebol no Centro de Futebol Régis./ Jogo pela seleção de Votorantim./ Estou me preparando para disputar um torneio no início do ano envolvendo vários clubes profissionais e também jogo futsal na equipe Opção tintas./ Na verdade desejo alcançar o nível profissional e levar meu corpo no limite físico, sem exageros, sabendo da minha capacidade./ No início do ano farei teste em equipes profissionais./ A saúde do meu corpo é uma consequência do treinamento e atividades que acabo fazendo./ A grande influência para jogar futebol e futsal foi o meu pai./ Foi logo aos cinco anos./ Meu pai é professor também de Educação Física./Hoje eu já não pago nada para treinar porque agora eles é que me convidam./Quem me leva

às vezes para os jogos é minha mãe./Tem que comprar um bom tênis, uma boa chuteira, caneleiras e às vezes eles pedem para pagar o uniforme também./É gostoso porque a gente faz um monte de amizade, conhece gente de longe, aprende outras coisas./

Guilherme

Eu fora da escola pratico natação. /É um esporte que como outro qualquer precisa de dedicação e treino./ Os treinos são basicamente de resistência e velocidade, nadando em torno de quatro quilômetros por dia./Num dia da semana nado mais longo, chegando até a cinco e quinhentos metros./ A minha alimentação tem de ser controlada em massa e frutas./ Estou competindo o ano todo, menos em dezembro e julho./ Eu pratico desde pequeno./ Faz nove anos que estou nesse esporte./ Cheguei através dos meus pais que sempre acharam um esporte interessante e junto com toda minha família sempre me apoiaram. / Quero manter minha saúde também./ Gosto da natação que é um esporte bem completo, movimenta todo o corpo./ Quero também ter sucesso próprio que no caso é alcançado nas competições federadas./ Minha meta é sempre abaixar meu tempo./Quem sabe ser campeão paulista, que é um campeonato bem considerado de alto nível mesmo./Às vezes eu vou sozinho para o treino, mas às vezes minha mãe me leva./Tenho que pagar a mensalidade da academia que fica

em oitenta reais./Tem também os óculos especiais, a touca, a sunga, nada de mais./Nas competições a gente paga a inscrição, que não sei quanto é. / Eles fazem um pacote incluindo alimentação, inscrição, transporte./ Acho que a equipe tem uns 15 que vão para a competição./É uma delícia porque junta aquele monte de nadadores, tem torcida./ Parece até uma Olimpíada./ Quando ganha é uma festa./

Igor

Pratico Beisebol no clube Ucens que é de uma colônia Japonesa aqui de Sorocaba. Treino nos finais de semana./Começa no sábado as oito e meia e vai até as cinco da tarde./É um esporte rápido, tem que pensar para jogar./ Deixa a gente alerta./ Para mim é só um esporte, um lazer com os amigos do clube./ em média tem mais ou menos umas 100 pessoas em dia de treino./ Comemos juntos./ Viajamos juntos./ É uma comunidade de beisebolistas./Adoro competir, é muito legal, além de divertir você conhece muita gente./às vezes você briga, mas depois faz até amizade./ Penso em ser profissional, mas é muito difícil o beisebol no Brasil./O beisebol te relaxa, faz você esquecer do mundo, fica sempre concentrado./ Eu acho o esporte mais completo depois da natação./ Também quero fazer natação ainda este ano./ O bom mesmo do beisebol é que me dá felicidade, controle do corpo e uma tremenda canseira, é muito cansativo./ Dá massa muscular nos braços e

nas pernas porque tem que arremessar e correr bastante./
Influencia no tronco também, no crescimento porque a gente
faz bastante alongamento./ É claro que estou satisfeito com os
resultados em meu corpo./ Para a cabeça é bom e para o corpo
nem se fala.

Thiago

Faço Jiu-Jitsu e musculação na academia do clube de Campo Sorocaba. / Eu entrei com meus amigos só pra ver como era e acabei gostando./ Porque têm um monte de exercícios pra fazer e muita luta também./No começo era só para fazer junto com a musculação, mas agora eu faço musculação para ajudar no Jiu-Jitsu./ Agora tenho mais fôlego, faço mais flexões de braços, cresci mais, aumentei minha força./ Treino três vezes na semana, duas horas e outras duas vezes faço musculação./ Meus pais pagam a mensalidade do clube, mais as aulas de Jiu-Jitsu, musculação não pago nada porque sou sócio do clube./A mensalidade do clube acho que é uns duzentos reais./ Para competir a gente paga de acordo com o campeonato, mas acho que uns vinte reais, porque tem as medalhas que a gente ganha, os juízes./ Todo mundo ganha medalha nos campeonatos./O que eu quero cada vez mais é competir mesmo, ganhar umas lutas por ai./ A turma tá sempre junta, na musculação e no Jiu-Jitsu./ A gente sai junto também./ As competições são boas para se ter uma meta para treinar./ Acho

que vou começar a fazer natação também./ Meus pais me estimulam e me apóiam em todas as atividades./Com os exercícios você fica morto, dá sono e se alimenta melhor./ Como mais agora que antes e durmo mais cedo./ Ficar parado em casa que é ruim, com as atividades a gente melhora até nos estudos./ Minhas notas sempre foram altas, mas quando comecei a musculação e o Jiu-Jitsu elas caíram um pouco./ Depois que eu me acostumei, as notas foram ficando boas de novo./ Agora dou uma estudada a tarde depois dos exercícios./Quando eu não faço os exercícios fico mais nervoso, ansioso, acho que é porque gasto mais energias.

André

Pratico natação na academia Nadar e Fitness./Acho o esporte mais completo./Primeiro eu tenho um olho na competição, depois vem tudo junto, uma boa forma, boa alimentação, o corpo como ele fica./ Ter uma saúde melhor é derivado./ Sempre nadei, desde pequeno, mas quando cheguei em Sorocaba, fiquei cinco anos parado./ Depois em me interessei de novo e voltei./ Quando descobri que poderia participar da equipe da academia procurei treinar forte e consegui./Acho que gasto uns cento e cinqüenta por mês, mas quando tem competição gasto mais porque tem que viajar, a alimentação./ a natação define muito o corpo, por isso meu técnico pega no pé para se alimentar bem, cinco vezes no dia./ O treino é forte e

tem que ter muita energia./ costumo usar complementos só para recuperação do treino e nos dias de competição./ Treino todos os dias tentando baixar meus tempos, porque aqueles que fazem as sérias completas, são aqueles que vão para a competição./ é meio que uma seleção dos melhores./ ainda não disputei o campeonato Paulista que é o mais importante para nós, mas já fiz várias provas aqui em Sorocaba./Meus tempos ainda não são bons e na verdade quero ir quando estiver em condições de competir de igual para igual./Meu estilo, é borboleta, e é muito difícil, porque você tem que ensaiar e treinar cada passagem, cada virada./ É importante competir, tem que ir sempre para ganhar não dá para ir e dar vexame./

Tema 3 – entendimento de educação física escolar

Para buscar o entendimento de Educação Física escolar, o diálogo foi desenvolvido também através de uma questão: d) Faça uma reflexão da Educação Física na sua escola.

Nicolas

A Educação Física na minha opinião.../Acho que é bem realizada, pois, temos vários tipos de esportes, o que dá aos alunos a oportunidade de praticar esse esporte fora da escola, caso goste./ E também o que acho muito interessante são as

competições, que dá aos alunos o espírito de competição, o que para mim é muito importante/ Não dá para comparar com o meu treino/ A exigência é bem menor/ No meu treino os exercícios são diferentes e é preciso ter muita vontade para fazer/ Na verdade a gente tem uma pequena noção do esporte, das regras/ tem pouco tempo de aula na semana/Quando a gente fica na quadra externa é muito ruim por causa do sol do piso de cimento/Deveria ter todos os dias, mas voltada para um esporte que a gente pudesse escolher/Um monte de gente quer ser atleta e a escola poderia ajudar nisso.

Camila

Acho super importante a Educação Física na escola./ nem todos os pais sabem da importância dessa atividade e não influenciam o seu filho./Sinto que o objetivo da Educação Física na escola não é formar grandes esportistas e sim alertar a todos sobre a importância do corpo na sociedade./A importância de fazer exercícios e esportes para uma vida saudável e ativa/ se você aprender fazer um alongamento vai ser bom quando estiver sozinho, quando for fazer em outro lugar/ Tem também as transformações que o corpo da gente vai sofrendo com idade e eles acabam passando pra gente/ Tem gente que só pensa no jogo e não é só isso não/ Nem todos serão atletas/ Não dá para alterar nada no corpo porque são duas aulas na semana/ É um momento gostoso na escola/

Ficamos mais a vontade, não tem a coisa chata de sala de aula/.

Leonardo

A educação Física escolar é ignorada por grande parte dos alunos./ Se eles levassem mais a sério poderiam melhorar muito o desempenho físico./ Os professores parecem às vezes desestimulados pela falta do interesse dos alunos, mas mesmo assim estão sempre propondo que os alunos participem./ Não é a mesma coisa que no treino./ Lá eu preciso treinar forte, preciso vencer de qualquer jeito./ Muitos na Educação Física parecem que estão morrendo./ Não conseguem fazer nada certo/quando eu participo de qualquer jogo quero vencer/Na escola não tem muito disso e fica aquela coisa de só participar mesmo/Teria que ter treino para todos os esportes, assim daria chance para outros serem atletas também./

Patrícia

Eu acho que ela influencia na vida pessoal de cada um./ Acho que deixa a pessoa mais ativa/ na escola eles mostram um pouco de cada coisa, assim como esportes, exercícios./ E muitas vezes desperta o interesse dos alunos para as atividades físicas fora da escola também/ Se você gosta de futebol vai procurar uma escolinha, um clube/ Se você acaba

gostando de fazer exercícios na escola vai fazer lá fora também/ Os exercícios são apenas para você aprender a fazer e não para aumentar ou diminuir o peso/ Dá para jogar só o básico, mas alguns até que acabam jogando bem./Nem todo mundo gosta da Educação Física na escola/Eu gosto quando tem esporte, jogo, competição/passa até mais rápido.

Rafhael

Bem a Educação Física acredito, é de fundamental importância para a formação, não só atlética, como pessoal dos alunos./ Acredito que serve como iniciação de atividades físicas para vários alunos./ É muito importante, contribui até mesmo para a formação do caráter./ Deveria voltar a ser obrigatória nas escolas em todas as séries, já que ensina os alunos um meio de vida muito interessante./ Sei que não forma atleta, mas contribui para a formação deles./ Jogar pra valer mesmo só onde eu jogo (fora da escola) /Na escola é gostoso porque jogamos com os colegas/É claro que se tivesse equipes na escola eu jogaria nelas/

Guilherme

Eu acho que a Educação física é mais um incentivo para colocar o jovem no esporte./ Fazendo com que ele procure praticar algo fora da escola, até mesmo para sua própria saúde

e diversão./ Ela faz com que a mente do jovem se volte ao esporte e não seja ocupada por besteiras/ Drogas, por exemplo, / Tem pouco esporte, pouca competição./Fica mais na brincadeira, não é nada sério./Se fosse para formação de equipes eu acho que o pessoal ficaria mais interessado./ Se não for para competir, então para que serve?/Os exercícios dão uma noção do que é certo ou errado fazer, não muda muito no corpo/Não dá nem para comparar porque o pessoal que treina lá tá a fim de resultado, treino forte para vencer, baixar o tempo/ Como que eu vou fazer assim na Educação Física, nem piscina tem/.

Igor

A Educação Física é muito legal. / Faz bem, deixa a gente relaxado./ Pelo menos uma vez na semana você não vai ter matéria, só usar seu corpo./ deixa a cabeça mais tranqüila/ às vezes é um pouco chata, depende da atividade./Sempre têm aqueles que querem fazer outras coisas e é difícil para os professores conciliarem os gostos de todos./ Às vezes o professor acaba se tornando chato por ele não deixa o aluno realizar uma atividade que ele goste./ Mas eu sei também que ele não pode mesmo./ Acho que as aulas têm que ter um equilíbrio entre exercícios e competições./ É preciso competição, porque hoje em dia a vida é competição./ Tudo vai ter que competir, então a gente vai ficando preparado./ A

competição ensina você para a vida./ como diziam os antigos, mente sã, corpo são./se você está bem com seu corpo, a cabeça ta tranqüila também./ Agora têm pessoas que não fazem nada com seu corpo, e ai é complicado, porque a cabeça nunca vai ficar boa./ Bom a educação física na escola talvez não provoque nada no corpo mesmo./ É muito pouco na semana, não tem continuidade./ Talvez faz a gente agüentar a escola mais ou menos./ Devia ter mais variedade, mais espaço, para nadar, por exemplo./tem gente que não gosta, mas sempre tem alguma coisa para fazer./ Não tem que só estudar, tem que cuidar do corpo./ No beisebol se fale que estudar é para a semana só./ o bom de estar mexendo com o corpo é que dá uma abstração das outras coisas da vida, a gente esquece das coisas.

Thiago

A educação física escolar é mais para as pessoas que não faz nada na semana, não pratica nenhum esporte./ A escola ajuda pelo menos a treinar e mexer o corpo um pouco./ Se fizer certinho os exercícios da aula e os jogos, acho que pode alterar alguma coisa no corpo./ São poucas aulas, mas é melhor que nada./ Você vem e faz um pouco de exercícios, joga alguma coisa e pronto./ Eu ainda acho que devia ter mais exercícios físicos na aula./ Tem muita gente mole, que não agüenta fazer nada e ai fica ali parado./ Seria melhor se tive

mais competições durante a aula, o pessoal se animaria mais./ Campeonatos, por exemplo, são ótimos./ Já pensou se não tivesse mais Educação Física, seria pior a escola./ Pelo menos sai um pouco da sala de aula, se junta com os amigos, treina alguma coisa./ ficar cinco dias da semana dentro da sala de aula, sentado, parado, é difícil demais./ Quando tem aula de Educação Física o dia passa mais rápido na escola.

André

Em todas as escolas do mundo a educação Física tem a preocupação de colocar o esporte na vida do aluno./Na minha escola é uma brincadeira, os alunos dão uma zoadinha./ Eles pensam que são duas aulas perdidas./Para quem tá no esporte como eu, competindo, não é uma brincadeira./É mais sério./ Eu acho que a escola deveria ter equipes, para ganhar os jogos escolares./ Motiva mais./ temos que ter os modelos./ Quando o Guga começou a ganhar abriram um monte de escolas de tênis./ Na verdade acho ruim jogar por jogar./ É importante competir, tem que ir sempre para ganhar./ A Educação Física tira você da rotina./ Mas tem que ser mais esporte./ É porque eu estou dentro da competição, por isso eu gosto tanto./ É difícil a pessoa que está fora do esporte entender quem está dentro e vice-versa./Adoro competir, mesmo que chegue em último./ Vamos ter resultados para a escola./ Muita gente fica só sentada durante as aulas e acho um desperdício./ Não

adianta os professores motivarem ou mesmo pegar no pé, tem que partir da pessoa também o estímulo para fazer alguma coisa./

3.3 Considerações sobre as falas dos alunos

Desde já é relevante ressaltar a grande dificuldade dos alunos entrevistados esboçarem suas falas e ainda mais uma reflexão sobre os temas propostos, e até mesmo em alguns casos, uma certa ansiedade. Sem dúvida isso revela que a prática da reflexividade não é uma conduta freqüente para aqueles alunos, podendo isso contribuir não só para a aceitação de um padrão corporal arquitetado pela sociedade de consumo, mas também para a aceitação de muitas outras imposições.

Após as análises das falas dos alunos sobre o tema entendimento do corpo, é possível afirmar que nos entrevistados predominam as perspectivas estrutural e funcional do corpo, objetivando essencialmente uma projeção e adaptação social através de um corpo que possa responder aos requisitos predominantes da aparência, de instrumento para acesso social e objeto de felicidade.

As aparências estampadas pelos alunos são cada vez mais visíveis e reconhecidas no cotidiano, se espalhando em réplicas das réplicas, forjando uma leitura corporal esvaziada da crítica ou questionamentos onde o que vale são os significados atribuídos.

A predominância nas falas é de um corpo com formas quase perfeitas, livres de gordura, inflados de músculos, definidos à flor-da-pele e ainda com qualidades físicas exponenciais. São corpos capazes de criarem vínculos e distinções sociais,

vendáveis e por isso mesmo muito apreciados pelo mundo capitalista. Aquele “corpo capital” que Baudrillard (1981) caracteriza como o finalizador do processo de produção e também fetiche, sendo ele o próprio objeto de consumo. O aspecto de corpo saudável é lembrado, remotamente, como um fator secundário.

Em alguns momentos das falas também aparece a concepção de homem como um ser dual, na separação matéria/espírito, mente/corpo, sendo a mente controladora do corpo. Assim podemos acompanhar nas falas destacadas:

*Uma pessoa boa pinta, de boa aparência tem muito mais chance de conseguir um emprego do que uma pessoa amarrotada (**Nicolas**).*

*O corpo é slogan (**Camila**).*

*Um corpo deve ser firme, sem exageros de magreza, nem gordura e é claro saudável. É claro que prefiro um corpo sarado, mas antes tem que ser rápido (**Leonardo**).*

*O corpo mostra como você é quando alguém vê você. Se você tem um corpo definido, certinho, a pessoa logo pensa que você se cuida,..., abre mais oportunidades (**Patrícia**)*

*Para mim o corpo me representa. Cuidando dele,..., isso será notado,..., fará com que apareçam mais oportunidades profissionais, pessoais, etc. (**Rafhael**).*

*Uma pessoa muito gorda ou muito magra vai ter problemas...a estética de certa forma influencia sim (**Igor**).*

As pessoas não têm nenhum destaque se estiver com um corpo caído. Quando você é gordo ninguém fica com você (Thiago).

O corpo quanto mais ajeitado, mais chance você tem de se dar bem (André).

Pode-se perceber ainda que esse corpo idealizado, somente ele, pode ser capaz de gerar felicidade, ser objeto de salvação, mesmo que passageira. Justificam-se os sacrifícios que fazem o suor quase jorrar em borbotões. A sublimação do corpo já basta. É uma estrutura onde se arquiteta uma felicidade à luz da cultura do consumo e necessariamente urgente. Featherstone (1995) chama isso de “prazeres emocionais do consumo” que servem muito bem para compor o imaginário cultural consumista onde o que está em curso é a busca e a realização dos sonhos e desejos de cada um.

Um corpo saudável é fundamental para uma vida feliz. Acho que dá uma expectativa de vida melhor (Camila).

Hoje sou muito feliz com meu corpo, porque eu emagreci bastante neste ano (Patrícia).

E também ter um bom corpo faz com que você se sinta melhor (Guilherme).

Claro que influencia a cabeça um corpo legal (Thiago).

Na análise que faço sobre o tema entendimento das práticas corporais, é possível observar que o esporte de competição se consolida cada vez mais como uma das mais influentes produções socioculturais da humanidade e, como tal

criação humana, está sujeito a ser utilizado de várias formas. Na interpretação sobre as falas deste tema, procuro não me ater à competição ou ao esporte, ou mesmo as práticas corporais com um fim, mas necessariamente o que esses corpos tão adolescentes estão fazendo ali. Mafesolli (1999) já alertava em outro momento deste trabalho para aquilo que ele chamava de “efervescência coletiva” ou o triunfo esportivo, como uma das lógicas do estar-junto, que tende a uma exaltação e valorização do corpo.

As manifestações corporais dos alunos entrevistados compõem ou aparecem como aquilo que momentaneamente exalta e valoriza seus corpos, relacionada a uma atitude primária, o contato físico, o tátil. O tátil como elemento das manifestações corporais tende a privilegiar ao relacionamento das pessoas e coisas. São corpos, que mesmo em confrontos, experimentam o que é vivido em comum dentro de uma forte prevalência do cotidiano e do presente.

Nas falas dos alunos percebe-se bem que essas relações construídas dentro da lógica do estar-junto, viver-junto, das manifestações corporais tende a serem transportadas para o privado, centradas no cotidiano, no destino, legitimando o hedonismo e o sensível.

*Viver em outros ambientes fora da escola isso é bom pra gente, conhecer outras pessoas (**Camila**).*

*Tem uma turma que a gente também sai junto. Conheço quase todo mundo do meu horário (**Patrícia**).*

*É gostoso porque a gente faz um monte de amizade, conhece gente de longe, aprende outras coisas (**Rafhael**).*

É uma delícia, porque junta aquele monte de nadadores, tem torcida. Parece até uma Olimpíada. Quando ganha é uma festa (Guilherme).

É só um esporte, um lazer com amigos do clube. Em média tem mais ou menos umas cem pessoas em dia de treino. Comemos juntos, viajamos juntos. É uma comunidade (Igor).

A turma tá sempre junta. A gente sai junto. Entrei com meus amigos só para ver como era e acabei gostando (Thiago).

Poderia explorar que essa mesma lógica do estar-junto também estaria presente dentro da própria Educação Física escolar, e isso é bem provável que aconteça espontaneamente ou não. Mas lembrando que Maffesoli (1999) condiciona isso a uma outra concepção de tempo que perduraria segundo as pessoas e seus reagrupamentos – “tempo imóvel” e o prazer do “instante eterno” - e isso quebraria a espinha dorsal da escola ainda tão presa a preponderância da razão, que inevitavelmente subordina a sensibilidade (corpo, imagem, símbolo) à compreensão e aos critérios da ciência positivista. O corpo é negado na escola, ou quando não, é tolerado em limites muito precisos.

O estar-junto, gozando tudo e imediatamente, parece mesmo evocar o que se viu anteriormente como uma espécie clara de narcisismo de grupo, onde esses alunos vivem e repetem os instintos criadores coletivos (esteriótipos), vestindo suas máscaras, seus adornos, adereços e formas, colocando-se cada um deles em cena (esportes) e participando de toda encenação que só tem valor porque é coletiva. São prazeres de um presente que só podem ser conquistados num vaivém entre uma prática e outra, entre um grupo e outro. Observemos os “corpos em cacho”.

*Eu sou tenista. Treino até três vezes por semana pesado, que eles chamam de treino técnico e durante duas vezes por semana faço trabalho físico, incluindo musculação (**Nicolas**).*

*Faço desde os três anos de idade Ballet {...} agora estou fazendo sapateado {...} sem contar que jogo futebol e todo tipo de esporte {...} comecei a fazer yoga (**Camila**).*

*Faço natação todos os dias. Se não começar agora não tem mais chance no futuro. Quanto mais cedo melhor para ser um atleta de nível (**Leonardo**).*

*Eu faço de tudo um pouco {...} spinning na bicicleta {...} musculação {...} alongamento e relaxamento {...} caminhada (**Patrícia**).*

*Pratico futebol no centro de futebol no Centro Régis, jogo pela seleção de Votorantim, estou me preparando para disputar um torneio no início do ano e também jogo futsal pela Opção tintas. Na verdade desejo alcançar o nível profissional e levar meu corpo no limite físico, sem exageros, sabendo da minha capacidade (**Rafhael**).*

*Nadando em torno de quatro quilômetros por dia {...} podendo chegar até a cinco. A minha alimentação tem de ser controlada em massas e frutas. Minha meta é abaixar meus tempos. Quem sabe ser campeão paulista (**Guilherme**).*

Faço jiu-jitsu e musculação {...} vou começar a fazer natação (Thiago).

O treino é forte e tem que ter muita energia. Costumo usar complementos só para recuperação do treino e nos dias de competição. Treino todos os dias tentando baixar meus tempos {...} são aqueles que vão para a competição (André).

Existe uma necessidade que através das práticas corporais o corpo seja colocado em espetáculo continuamente, exacerbando não só caráter festivo e competitivo dessas práticas, mas uma premente disposição social de fixar sua imagem (já estereotipada) no coletivo, através da sobrepujança de seus valores físicos corporais.

Ao analisar o tema entendimento da Educação Física escolar, percebe mais uma vez a superficialidade das reflexões, demonstrando falta de subsídios e/ou interesse para falar sobre o tema. Neste tema, que se constitui no elemento motivador e norteador deste estudo, a análise segue em dois momentos. O primeiro momento se caracteriza por aquilo que os alunos percebem das aulas e um segundo, um anseio, ou aquilo que eles deveria ser.

No primeiro momento percebe-se nas falas dos alunos que a Educação Física escolar se aproxima muito da concepção destacada por Kunz (2001) como Formativa-Recreativa. Mas a cena não é tão clara assim. Por omissão e negatividade de outros elementos que poderiam caracterizar outras concepções e por fragmentados vestígios podemos perceber o esboço de uma concepção que insiste na formação personalidade e de habilidades motoras gerais, na adaptação às exigências sociais e uma organização ludicamente do tempo dentro da escola. Uma

outra característica que aparece freqüentemente nas falas dos alunos é um compromisso principalmente com a participação e a recreação.

Os conteúdos referentes ao esporte são mostrados descaracterizados do compromisso com treinamento, competições e a esportivização, e assim mais uma vez se reforça a predominância da concepção formativa-recreativa que tende a priorizar o prazer e a espontaneidade das atividades esportivas.

Em algumas falas também se percebe a modulação de exercícios e esportes com o fim de tornar o corpo saudável e funcional, revelando uma influência de concepção biológica-funcional.

No entanto o que parece em maior destaque é a presença de uma cultura corporal de Educação Física escolar construída principalmente por parâmetros motores e sociais sobre o corpo. Vejamos as falas:

*Na verdade a gente tem uma pequena noção do esporte, das regras. Não dá para comparar com meu treino a exigência é bem menor (**Nicolas**).*

*Sinto que o objetivo da Educação física na escola não é formar grandes esportistas e sim alertar a todos sobre a importância do corpo na sociedade. A importância de fazer exercícios e esportes para uma vida saudável e ativa (**Camila**).*

*Na escola não tem muito disso (competição) e fica aquela coisa de só participar mesmo (**Leonardo**).*

*Eu acho que ela influencia na vida pessoal de cada um. Acho que deixa a pessoa mais ativa. Na escola eles mostram um pouco de cada coisa, esportes, exercícios (**Patrícia**).*

*Bem a Educação física, acredito, é de fundamental importância para a formação, não só atlética como pessoal dos alunos. Serve como iniciação de atividades físicas {...} contribui até mesmo para a formação do caráter. Na escola é gostoso porque jogamos com os colegas (**Rafhael**).*

*Eu acho que a Educação física é mais um incentivo para colocar o jovem no esporte {...} até mesmo para sua própria saúde e diversão. Faz com que a mente não seja ocupada por besteiras. Drogas por exemplo. Tem pouco esporte, pouca competição. Fica mais nas brincadeiras, não é nada sério (**Guilherme**).*

*A Educação física {...} deixa você relaxado...a cabeça mais tranqüila. Talvez faz a gente agüenta a escola mais ou menos. O bom de estar mexendo com o corpo é que dá uma abstração das outras coisas da vida, a gente esquece das coisas (**Igor**).*

*A escola ajuda pelo menos a treinar e mexer o corpo um pouco. Você vem e faz um pouco de exercícios, joga alguma coisa e pronto. Já pensou se não tivesse mais Educação física? Seria pior a escola. Pelo menos sai um pouco da sala de aula, se junta com os amigos {...} o dia passa mais rápido na escola (**Thiago**).*

*Na minha escola é uma brincadeira a Educação física. Tira você da rotina (**André**).*

Nota-se a ausência completa de elementos de uma concepção crítico-emancipatória, que defende o posicionamento crítico e os questionamentos na busca da libertação de falsas ilusões, de falsos interesses e desejos, criados e construídos por um sistema de consumo cada vez maior. Defendida por Kunz (1999) como a possibilidade de “transcendência de limites”, onde o aluno poderia distinguir entre o “sentido universal” de determinado fenômeno, fato ou coisa, e o sentido para si mesmo desse mesmo fenômeno.

Por outro lado, analisando as falas num segundo momento, ou aquilo que os alunos desejariam nas aulas, percebe-se uma Educação Física escolar totalmente esportivizada, que fosse responsável pela reprodução dos conceitos e códigos hegemônicos do esporte de rendimento/competição. Há uma espécie de expectativa que a transposição da organização da instituição esportiva de rendimento/competição fosse aplicada dentro da Educação Física como seu único e exclusivo fim, inclusive, induzindo e adaptando os alunos para a esportivização. De certa forma revelam a contaminação provocada pelas praticas corporais competitivas e o desconhecimento do papel da disciplina dentro do processo de educação que pode ser causa e efeito da concepção de Educação Física escolar adotada na escola.

De acordo com Daolio (1995) nossa corpo encerra elementos da sociedade da qual fazemos parte. Através dele assimilamos normas e costumes específicos do meio que nos cerca num processo de “inCORPORAÇÃO”, como por exemplo, os gestos que fazemos ou a maneira como caminhamos. Certamente que a Educação Física escolar e todas as praticas corporais também sofrem essa influência, pois os elementos da cultura física que são os seus conteúdos, a ginástica, os jogos, a dança, a recreação e o esporte são uma parte da cultura universal, que também é

constituída por ela. A necessidade apresentada de competir, explorando seus limites e potencialidades, remete a lógica da sociedade atual, onde ser competitivo é fator indispensável para uma boa colocação no mercado de trabalho. O próprio perfil pedagógico da escola onde esses alunos estudam, de acordo com seus professores, incentiva o comportamento competitivo entre eles objetivando torná-los aptos para o vestibular, direcionando para um reprodutivismo muito útil ao sistema de produção.

*E também o que acho muito interessante são as competições, que dá aos alunos o espírito de competição, o que pra mim é muito importante. Um monte de gente que ser atleta e a escola poderia ajudar nisso. Deveria...mais voltada para um esporte que a gente pudesse escolher (**Nicolas**).*

*Tem gente que só pensa no jogo e não é só isso. Nem todos serão atletas (**Camila**).*

*Quando eu participo de qualquer jogo quero vencer. Teria (a aula) que ter treino para todos os esportes, assim daria chance para outros serem atletas também (**Leonardo**).*

*Eu gosto quando tem esporte, jogo, competição, passa até mais rápido (**Patrícia**).*

*É claro que se tivessem equipes na escola eu jogaria nela (**Rafhael**).*

*Se não for para competir, então para que serve? Se fosse para formação de equipes eu acho que o pessoal ficaria mais interessado (**Guilherme**).*

É preciso competição, porque hoje em dia a vida é competição. Tudo vai ter que competir, então a gente vai ficando preparado. A competição ensina você para a vida (Igor).

Seria melhor se tivesse mais competição durante a aula, o pessoal se animaria mais. Campeonatos são ótimos (Thiago).

Em todas as escolas do mundo a Educação física tem a preocupação de colocar o esporte na vida do aluno. Eu acho que a escola deveria ter equipes para ganhar os jogos escolares. Motiva mais. Temos que ter os modelos. É importante competir, tem que ir sempre para ganhar. Mas tem que ser mais esporte (André).

Para Betti (1998) a mídia tem um papel de destaque nessa transmissão de elementos da cultura corporal, e portando, grande influência na construção dessa cultura de crianças e adolescentes. O desafio seria a interpretação dessas mensagens televisas sobre o esporte, decifrando os significados presentes e, refletindo sobre as suas implicações para a Educação Física escolar. Mas não se pode negar que a Educação Física escolar no sentido geral, também colabora para a construção do conceito dominante de esporte, senão para atender as exigências do sistema, talvez então para atender as próprias, buscando no fenômeno esportivo a sua legitimidade pedagógica. Bracht (1992, p. 22) diz ainda que:

A Educação Física escolar assume códigos de uma outra instituição (a esportiva), e de tal forma que temos então não o esporte da escola e sim o esporte na escola, o que indica a sua subordinação aos códigos/sentidos da instituição esportiva.

Desenvolvido dessa forma na escola, o esporte serve apenas como instrumento de legitimação do sistema capitalista de produção.

É possível observar ainda neste tema que as falas dos alunos revelam um certo desmascaramento sobre a participação dos alunos na Educação Física escolar. Reconhecida muitas vezes pelo senso comum e até pela organização escolar como disciplina cativante para os alunos, isso parece não se confirmar para todos os alunos. Como já se conhece dentro da área, muitas vezes o que está em ação para os alunos é um ansioso desejo de escapar do rígido controle exercido sobre seus corpos (chamada, horários, carteira, cadeira, paredes, portas, lousa, grades, etc.), dando vazão para a fruição de um tempo percebido por eles como livre dentro da escola. A Educação Física escolar aparece como o momento legítimo para escapar dessa espécie de controle espacial e temporal sobre seus corpos, tão caras ao disciplinamento escolar, que se concretiza não só pela diferenciação espacial e temporal com relação a outras disciplinas, mas como também pela liberdade do movimento, da expressão e contato físico. Vai-se matar o tédio escolar.

Como uma espécie de denúncia, as falas dos alunos apresentam um reduzido, mas relevante panorama de como outros alunos “fazem” a Educação Física escolar.

*A Educação física é ignorada por grande parte dos alunos. Os professores parecem às vezes desestimulados pela falta de interesse dos alunos. Muitos na Educação Física parecem que estão morrendo (**Leonardo**).*

*Nem todo mundo gosta da Educação Física (**Patrícia**).*

*Tem gente que não gosta, mas sempre tem alguma coisa para fazer. Não tem que só estudar, tem que cuidar do corpo (**Igor**).*

Tem muita gente mole, que não agüenta fazer nada e ai fica ali parado (Thiago).

Os alunos dão uma zoadá. Eles pensam que são duas aulas perdidas. Muita gente fica só sentada durante as aulas e acho um desperdício (André).

Observa-se que essa percepção apresentada sobre a participação dos colegas é construída somente a partir da imobilidade total ou parcial dos outros corpos, e em comparação a corpos que estão habituados a um fluxo intenso de movimentos, às atividades expressivas corporais competitivas. Em suas devidas proporções, a percepção da participação dos outros alunos, ressalta a influência da cultura corporal dos alunos entrevistados (já analisado), que convém ressaltar, está muito presente de um geral em todas as esferas da escola, da sociedade, dos órgãos oficiais, escancarando o reducionismo do senso-comum com relação aos fins da Educação Física escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação deste trabalho estava centrada na importância que o tema explorado tem para Educação Física escolar, procurando fazer um olhar para o exterior, para fora da própria disciplina, através de uma janela de onde se vislumbrasse a discussão com base em autores que problematizam suas idéias a partir de uma postura pós-moderna.

A bem da verdade, após a análise sobre os temas propostos aos alunos entrevistados, encontrei um corpo subjugado pela efervescência da sociedade pós-moderna, ou seja, um corpo produto (objeto) e produtor (instrumento), um corpo à mercê do produtivismo e da concorrência, um corpo mutante na busca de se adequar à extrema velocidade das exigências atuais.

Esse corpo desejado e perseguido em práticas de sacrifício atende às necessidades mercadológicas da cultura do consumo, primeiro porque se constrói principalmente com referência às formas corporais, se apropriando das imagens que podem lhe conferir momentos de ascensão e comunicabilidade e depois porque se apropria de práticas corporais onde o que transcende é uma espetacularização do corpo, legitimada pelas competições esportivas/rendimento.

Só isso poderia nos incitar a dizer que a exaltação desse corpo adolescente representa muito bem um individualismo narcísico. Mas não nos aprecemos. A pluralidade, bem comum desse momento contemporâneo, nos leva ainda a incorporar um outro panorama. Os corpos que se misturam, se tocam, se agrupam, que desejam viver uma emoção comum, compõem uma disponibilidade social que vai fortalecer o grupo, evidenciando então o narcisismo coletivo. Confirma-se

novamente um corpo consumista, porque o fazem através de práticas corporais que se desenvolveram através das necessidades criadas pela sociedade de consumo e que por isso mesmo compreendem significados muito particulares.

A Educação Física escolar se revela ambígua: como realmente ela é, e como deveria ser, segundo os alunos. Eles percebem que em seu cotidiano escolar não há a espetacularização do corpo através do esporte de competição. Isso inibe sua “máscara” corporal de fazer a conexão com a imagem arquetipal. Ma a expectativa para os alunos entrevistados é de que a Educação Física escolar deva mesmo ser a reprodutora do esporte de competição, dos códigos e valores da instituição esportiva, adaptando os alunos para serem atletas.

Mas por outro lado, não há resistência, tensão. Existe uma certa acomodação dos alunos que talvez seja promovida pela ludicidade das aulas, pela tradição da disciplina/escola e talvez porque eles reconheçam que a Educação Física escolar seja, ainda que breve, uma oportunidade para subverter os seus corpos dentro da escola.

A contribuição da Educação Física escolar neste momento, ou o desafio como seria mais próprio, é encontrar formas de fazer uma interpretação dessa disposição social contemporânea, decifrando seus significados presentes, incorporando a discussão para dentro da disciplina através do caminho reflexivo, sem negar, porém, o seu elemento fundante que é o movimento. Não se pode afirmar se isso poderia se efetivar através de concepções de Educação Física escolar, até mesmo porque a pós-modernidade rejeita concepções.

REFERÊNCIAS

1. ANZAI, Koiti. **O corpo enquanto objeto de consumo**. Revista Brasileira de ciências do esporte, Campinas, n. 21, p. 2 -3, jan/maio, 2000.
2. APPEL, Marli. **O Surgimento do homo estheticus: o crescimento do mercado de beleza**. Revista da ESPM, São Paulo, p. 29-37, maio/jun, 2003.
3. ASSIS, Sávio. **Reinventando o esporte: possibilidades de prática pedagógica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
4. BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1981.
5. BELTRAMI, Dalva Marim. **Dos fins da educação física escolar**. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 12, n. 2, p. 27-33, 2. sem. 2001.
6. BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. 1997. Tese (doutorado). Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 1997.
7. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física (5ª a 8ª séries)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
8. BRUHNS, Heloisa Turini. **O corpo parceiro e o corpo adversário**. Campinas: Papyrus, 1993.
9. CARVALHO, Yara Maria de. **O “mito” da atividade física e saúde**. São Paulo: Hucitec, 1995.
10. CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
11. CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura do consumo**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.
12. ÉPOCA. São Paulo, 19.abr.2004. **Edição especial homem**.

13. FEATHRSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. Rio de Janeiro: São Paulo: Studio Nobel, 1994.
14. FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **A educação física na crise da modernidade**. Ijuí: Unijuí, 2001.
15. FRAGA, Alex Branco. **Do corpo que se distingue: A constituição do bom-moço e da boa-moça nas práticas escolares**. 1998. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre, 1998.
16. GARANHANI, Marynelma Camargo, MORO, Vera Luiza. **A escolarização do corpo infantil: uma compreensão do discurso pedagógico a partir do século XVIII**. Educar em revista, Curitiba: nº 16, p.109-119, 2000.
17. GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
18. JABOR, Arnaldo. (1998) **A noite do grande orgasmo brasileiro**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/cronistaarnaldo/index2.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2005.
19. KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí : Ed. Unijuí, 2001.
20. MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
21. PRÓCHNO, Caio César Souza Camargo. **Corpo do ator: metamorfoses, simulacros**. São Paulo: Fapesp: Annablume, 1999.
22. SÁ, Raquel Stela de. **Do corpo disciplinar ao corpo vibrátil**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003.
23. RICHARDSON, Roberto Jarry; PERES, José Augusto de Souza. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

24. SANTIN, Silvino. **Perspectiva na visão de corporeidade**. In: GEBARA, Ademir et. al. Educação física & esportes: perspectivas para o Século XXI. Campinas: Papyrus, 1993.
25. SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
26. SILVA, Ana Márcia. **Das práticas corporais ou porque “narciso” se exercita**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, n. 17, p. 3, maio, 1996.
27. SILVA, Cinthia Lopes. **A “mediação” das práticas corporais: significados da musculação para freqüentadores de um parque público**. 2003. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação física da Unicamp, Campinas, 2003.
28. SIQUEIRA, André. **Redes de academias crescem, não só à base de suor**. O Estado de S. Paulo, 06.abr.2003, p. B8.
29. SOARES, Carmem Lúcia. **Educação física: raízes européias e Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
30. _____(org.).**Corpo e história**. Campinas, SP: autores Associados, 2001.
31. _____.**Imagens da educação no corpo**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
32. SOARES, Maria Lúcia de Amorim. **Girassóis ou Heliandros: maneiras criadoras para o conhecer geográfico**. Sorocaba: PM – Linc, 2001.
33. TEIXEIRA, Dourivaldo. **O corpo no esporte escolar, de lazer e de alto nível: um diálogo na busca de significados**. Maringá: Eduem, 2001.
34. TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Ficha Catalográfica

M267p Marcolan Júnior, Álvaro
Pós-modernidade e corpo: a educação física escolar na sociedade de consumo / Álvaro Marcolan Júnior. – Sorocaba, SP, 2005.

104f.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lúcia de Amorim Soares
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2005.

1.Educação física escolar. 2. Corpo. 3. Sociedade de Consumo. 4. Pós-modernidade. I.Souares, Maria Lúcia de Amorim, orient. II. Universidade de Sorocaba. Título